



Módulo: Hermenêutica Bíblica



Aluno:

© ITG – Instituto Teológico Graça

HERMENÊUTICA

Conceitos de hermenêutica

Hermenêutica Bíblica

A hermenêutica não é apenas a arte ou a ciência da interpretação de qualquer texto; antes de tudo, é uma ciência que procura também o significado da palavra como evento histórico) social e de vida. O que representa um fóssil para o arqueólogo e paleontólogo, tal é a palavra fossilizada através dos séculos nas Escrituras para o intérprete,

Do livro: «Hermenêutica fácil e descomplicada»

Hermenêutica Bíblica é a disciplina da Teologia Exegética que ensina as regras para interpretar as Escrituras e a maneira de aplicá-las corretamente. Seu objetivo primário é estabelecer regras gerais e específicas de interpretação, a fim de entender o verdadeiro sentido do autor ao redigir as Escrituras. E a ciência da compreensão de textos bíblicos.

O termo “hermenêutica” procede do verbo grego *hermeneueín*, usualmente traduzido por “interpretar”, e do substantivo *hermeneia* (**ἑρμηνεία**), que significa “interpretação”. Tanto o verbo quanto o substantivo podem significar “traduzir, tradução”, ou “explicar, explicação”.

Na filologia do Antigo Testamento acham-se termos correspondentes ao grego *hermeneuein*; entre eles: *tirgen*, cujo significado é “interpretar ou traduzir” (Ed 4.7), *pesher*¹, *pcshar*, traduzido por “solução ou interpretação em geral”, e o vocábulo *hawâ*, isto é, “interpretar, informar, contar”.¹ Um hermeneuta, segundo a etimologia da palavra, é um intérprete ou tradutor de qualquer porção literária, quer sacra, quer profana.

Os termos gregos para hermenêutica são: ἑρμηνεία, “tradução” ou “interpretação”; ἐρμηνεύω, “explicar, interpretar”; ἑρμηνευτής, “tradutor”. Os termos são encontrados nos textos de

1Co 12.10;

a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para _____ (*hermeneia*).

¹ Os essênios aplicavam sua hermenêutica, chamada em aramaico *raz peshar*, “interpretação de mistério”, para compreender as Escrituras Hebraicas. Comumente, citavam uma passagem bíblica seguida das palavras “isto significa” ou “seu *peshar* é...”

Lc 24.27

E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, _____ (*diermeneuo*) o que a seu respeito constava em todas as Escrituras.

1Co 1:11

Pois a vosso respeito, meus irmãos, _____ (*deloo*), pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós.

Origem da palavra

O termo grego *Hermeios* referia-se, originalmente ao sacerdote do oráculo de Delfos, que era responsável pela interpretação dos desejos dos deuses aos seus consulentes. Na cultura pagã, os romanos possuíam o áugure da salvação, que era um especialista oficial encarregado da interpretação dos sinais celestes, como por exemplo, o vôo das aves, e os arúspices, adivinhos que estudavam as entranhas das vítimas sacrificadas e procuravam assim, interpretar presságios favoráveis ou contrários.

Por outro lado a etimologia do verbo *kermêneueiu* e do substantivo *hermeneia*, nos levam para o deus mensageiro-alado ***Hermes***, de cujo nome as palavras aparentemente derivam, ou vice-versa.

Hermes, segundo a mitologia greco-romana, era filho de Zeus e de Maia, sendo o arauto e mensageiro dos deuses. Era também considerado o deus da ciência, da interpretação e eloquência. Nas escrituras neotestamentárias a cultura pagã romana o chamava de Mercúrio (Atos 14.12). Porém, no texto original grego, aparece o substantivo próprio *Hermes* em vez de Mercúrio.

No texto grego de Atos 14.12, *Hermes* (Ἑρμῆν) aparece com a oração explicativa, “porque era este o principal portador da palavra” (ARA).

Os gregos atribuíam a *Hermes* a descoberta da linguagem e da escrita — as ferramentas que a compreensão humana utiliza para chegar ao significado das coisas e para transmitir aos outros.

Hermes se associa a uma função de transmutação — transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender. As várias formas da palavra sugerem o processo de trazer uma situação ou uma coisa, da ininteligibilidade à compreensão.

Quando Filipe (At 8.26-40) foi conduzido pelo Espírito Santo ao encontro do oficial etíope perguntou-lhe: “Compreendes o que vens lendo?” (ARA). Seu objetivo era levar ao etíope a compreensão do texto, decodificar o incógnito significado ao seu leitor. A função de Filipe, sob a ótica grega, confunde-se com a de um mensageiro divino incumbido de ser portador de uma mensagem divina e torná-la compreensível, tanto narrando quanto explicando.

Variação do termo no Novo Testamento

As várias aparições do termo *hermeneuein* e *hermeneia* ou um dos cognatos no Novo Testamento subjazem duas orientações significativas do seu uso clássico e também do seu significado moderno. Entre eles destacamos:

a) *diermenéusen* (**διερμήνευσεν**), “explicar ou interpretar”.

A interpretação como explicação enfatiza os aspectos discursivos da compreensão, em vez da sua dimensão expressiva. Em Lucas 24.25-27, Jesus ressuscitado aparece aos discípulos: “E começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes (*diermêneusen*) o que dele se achava em todas as Escrituras”.

Jesus estava trazendo à compreensão dos discípulos o significado oculto do texto. Em vez de apenas discorrer sobre o texto, explicou-o e explicou-se a si mesmo em função deles. Isto sugere que o significado tem a ver com o contexto; o processo explicativo fornece o palco da compreensão. Marcos (4.34) afirma que Cristo falava em parábolas, e muitas delas ficavam incógnitas aos seus ouvintes, mas Ele “explicava em particular aos seus próprios discípulos” (ARA). O texto não usa o termo *diermêneusen*, mas *epilyō* (**επιλύω**), explicar, interpretar. Nota-se que o sentido prático de hermenêutica é explicar, decodificar um significado, proporcionando a compreensão exata do seu sentido. Sem explicação não há atividade hermenêutica.

b) *methermêneuo* (**μεθερμηνεύω**) “traduzir, tradução, dar significado”.

A tradução é uma forma especial do processo básico interpretativo de tornar algo compreensível. Tornamos compreensíveis o que é estrangeiro, estranho ou ininteligível. Tal como Hermes, o tradutor é um mediador entre um mundo e outro. A tradução torna-nos conscientes do fato de que a própria língua contém uma visão que abarca o mundo, à qual o tradutor tem que ser sensível, mesmo quando traduz expressões individuais.

Os evangelistas por diversas vezes foram tradutores das expressões estranhas aos seus destinatários. A transliteração aramaica *Talitka, Kcum* significa (quer dizer ou traduz-se) “Menina, levanta” (Mc 5.41). *Emanuel* significa “Deus Conosco” (Mt 1.23), *Gólgcta*, “Caveira” (Mt 15.22), *Messias*, “Cristo” (Jo 1.41) ou *Rabi*, “Mestre” (v. 38), e assim por diante.

A tradução da Bíblia pode servir de ilustração aos problemas da tradução em geral. A Bíblia chega-nos de um mundo distante no tempo, espaço e língua. As diversas traduções e toda sua terminologia técnica (versão, versão revista, versão atualizada, revisão, transliteração, recensão, tradução idiomática, tradução literal modificada, tradução dinâmica, paráfrase) mostram a tentativa de mediar a distância existente entre a língua receptora e o contexto histórico e social diferenciado entre os dois mundos.

Propósito da Hermenêutica

A hermenêutica propõe-se a auxiliar o obreiro e a qualquer estudante da Bíblia, a usar métodos de interpretações confiáveis, além de estabelecer os princípios fundamentais da exegese bíblica, como base para o estudo do texto na sua diversidade linguística, cultural e histórica.

Além disso, podem os acrescentar, que por fim, a hermenêutica auxilia o estudante a analisar criticamente, com critérios objetivos, os métodos e resultados de um estudo ou exegese de qualquer texto da Bíblia.

Hermenêutica confundida exegese

O termo “*exeges*” *ek+hêgeomai* (**ἐκ + ἡγέομαι**), “ tiro, extraio, conduzo fora”. A exegese é, pois, a extração dos pensamentos que assistiam ao escritor ao redigir determinado documento. Geralmente fazendo referência ao estudo ou pesquisa.

Já em alguns texto como Lc 24.35; Atos 10.8; 15.12,14; 21.19, aparece como “explicar, interpretar, contar, descrever, relatar”.

(Lc 24:35 [ARA])

Então, os dois _____ (*exegeomai*) o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão.

(Atos 10:8 [ARA])

E, havendo-lhes _____ (*exegeomai*) tudo, enviou-os a Jope.

(Atos 15:12 [ARA])

E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que _____ (*exegeomai*) quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios.

(Atos 15:14 [ARA])

_____ (*exegeomai*) Simão como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome.

(Atos 21:19 [ARA])

E, tendo-os saudado, _____ (*exegeomai*) minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério.

Em João 1.18, na ARA o termo exegese é traduzido por “revelou”, na ARC por “o fez conhecer”, na Vulgata, “aquele que expõe em pormenor”. Ao que parece, esse termo designa não o indivíduo, mas a função exercida por ele — arauto, proclamador, revelador. O eksegêsato confunde-se com o hermenêutes, arauto ou proclamador oficial. Dessa forma, o Logos aparece como o principal e oficial intérprete de Deus Pai, pois para os gregos, os eksegêtai eram os intérpretes e expositores oficiais.

João descreveu no versículo dezessete dois expositores: Moisés, expositor da Lei no monte Sinai, e Jesus, eksegêsato da graça e da verdade. Assim é descrita a superioridade do expositor “da graça e da verdade” sobre o da “Lei”. Através do intérprete do Sinai, a “graça e a verdade” ficaram obscuras, mas através de Cristo a “graça e a verdade” se manifestaram aos homens, pois Ele é “*a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem*” (v.9).

O termo sugere que a finalidade da hermenêutica é muito mais do que interpretação. Sua finalidade é guiar-nos a uma compreensão adequada de Deus através de Cristo, a Palavra Encarnada.

As interpretações dos textos do Antigo e Novo Testamentos devem ser o efeito de uma preocupação evangelística e pastoral, mais do que técnica e documental. A hermenêutica deve ser um instrumento que conduza o homem a Deus.

Diferença entre Exegese e Eisegese.

Enquanto a exegese consiste em *extrair* o significado de um texto qualquer, mediante legítimos métodos de interpretação; a eisegese consiste em *injetar* em um texto, alguma coisa que o intérprete quer que esteja ali, mas que na verdade não faz parte do mesmo. Em última instância, quem usa a eisegese força o texto mediante várias manipulações, fazendo com que uma passagem diga o que na verdade não se acha lá².

Na eisegese se leva em conta a vida prática do crítico ou do seu contexto sócio histórico que serve de guia para os parâmetros para seu estudo. Neste caso o autor a banido do texto e não se leva em conta, neste caso o que é importante é o leitor e Deus a nada mais. Neste caso o autor, suas idiossincrasias e o panorama social em que viveu são levados em consideração, constituindo-se bases para uma interpretação viável.

Função da Hermenêutica e da Exegese Bíblica

- Traduzir o texto original tornando-o compreensível em língua vernácula, sem sangrar o sentido primário.
- Compreender o sentido do texto dentro de seu ambiente histórico-cultural e léxico-sintático;
- Explicar o verdadeiro sentido do texto, em todas as dimensões possíveis (autor, audiência, condições sociais, religiosas, etc.).
- Tornar a mensagem das Escrituras inteligível ao homem moderno.
- Conduzir-nos a Cristo

Para uma boa interpretação é necessário um bom estudo do contexto cultural, histórico e linguístico. Depois de entender as verdades que o autor quis

² Teologia descomplicada pg 68

transmitir e quais princípios extraiu destas verdades para aplicação do povo daquela época, daí então poderemos contextualizar as aplicações para os dias atuais.

Nós como Igreja dos Irmãos cremos que as verdades e os princípios são os mesmo apesar do passar do tempo, mas a aplicação dos princípios que tiramos destas verdades pode ser praticados de diferentes maneiras com o passar do tempo.

Exercício.

Mulher não pode usar calça comprida! Por que?

Dt 22:5

Qual é a verdade por trás deste texto? Leia também Gn 1:27

Qual o princípio tiramos desta verdade?

Como isso foi aplicado nos tempos bíblicos?

Como isso deve ser aplicado nos dias de hoje?

A mulher não dever se pintar nem usar brinco! Por que?

1Pd 3:1-5

Qual é a verdade por trás deste texto? Leia também Pv 4:23

Qual o princípio tiramos desta verdade?

Como isso foi aplicado nos tempos bíblicos?

Como isso deve ser aplicado nos dias de hoje?

Formas pelas quais o Intérprete Prática a Eisegese

1) Quando força o texto a dizer o que não diz:

O intérprete está cômico de que a interpretação por ele asseverada não está condizente com o texto, ou então está inconsciente quanto ao objetivo do autor ou propósito da obra. Entretanto, voluntária ou involuntariamente, manipula o texto a fim de que sua ideia possa ser aceita como princípio das Escrituras.

Geralmente tal interpretação não possui qualquer justificativa lexical, cultural, histórica ou teológica, pois se baseiam em pressupostos ou premissas previamente estabelecidos pelo intérprete.

Outro problema neste caso é o individualismo que embebe alguns na leitura da Bíblia. O que se busca como interpretação “é o que as Escrituras significam para mim agora”, e não “o que elas significam em seu contexto”.

2) Quando ignora o contexto, sob pretexto ideológico:

Poucas atividades hermenêuticas têm sangrado tanto o texto como o banimento do contexto. Ignorar o contexto é rejeitar deliberadamente o processo histórico que deu margem ao texto. O intérprete, neste caso, não examina com a devida atenção os parágrafos pré e pós-texto, e não vincula um versículo ou passagem a um contexto remoto ou imediato.

Uma interpretação que ignora e contraria o contexto não deve ser admitida como exegese confiável. Existem pessoas que são capazes de banir conscientemente o contexto e o sentido do texto, simplesmente para forçar as Escrituras a conformarem-se com suas ideologias.

3) Quando ignora a mensagem e o propósito principal do livro:

Um livro pode ser mais facilmente entendido quando se sabe qual é o propósito do autor e qual a mensagem que ele procura afirmar para seus contemporâneos. A mensagem do livro e o propósito do autor são “almas gêmeas” da interpretação bíblica.

Os assuntos genéricos tratados pelo autor precisam ser observados a partir dos propósitos e da mensagem do autógrafo. Quando ignoramos a mensagem principal e o propósito do livro, somos dispersivos na aplicação coerente do texto.

Os livros de Lucas (Lc 1.1-4), João (Jo 20.30, 31; 21.24,25), Atos (1), 1 Coríntios (1Co 5.1; 6.1;7.1; 8 .1, 12.1; 16.1) e muitos outros são melhor compreendidos quando conhecemos a intenção do autor, expresso no próprio autógrafo.

4) Quando não esclarece um texto à luz de outro:

Os textos obscuros devem ser entendidos à luz de outros e segundo o propósito e a mensagem do livro. Recorrer a outro texto é reconhecer a unidade das Escrituras na correlação de ideias. Por vezes, pratica-se eisegese por ignorar a capacidade que as Escrituras têm de interpretar a si mesmo.

5) Quando põe a “revelação” acima da mensagem revelada:

Por vezes, aparecem indivíduos sangrando o texto sagrado sob o pretexto de que “... Deus revelou”, ou “... essa veio do céu”. Estes colocam a pseudo-revelação acima da mensagem revelada. Quando assim asseveram, procuram afirmar infalibilidade à sua interpretação, pois Deus, que “revelou”, autor principal da Escrituras, não pode errar. Devemos ter o cuidado de não associar o nome de Deus a mentira, pois Ele não pode contradizer o que anteriormente, pelas Escrituras, havia afirmado.

6) Quando está comprometido com um sistema ou ideologia:

Não são poucos os obstáculos que o exegeta encontra quando a interpretação das Escrituras afeta os cânones do sistema e as tradições de sua denominação. Por outro lado, até as ímpias religiões encontram justificativas bíblicas para ratificar as suas heresias. Kardec citava a Bíblia para defender a reencarnação! Muitos outros movimentos sectários torcem as Escrituras. Utilizar as Escrituras para apologizar um sistema ou ideologia pode passar de uma eisegese para uma heresia aplicada.

Três razões para explicar esta atitude imprudente do intérprete.

1). Atitude Defensiva

Provavelmente, a atitude defensiva do intérprete em relação às suas ideologias seja responsável pela prática da eisegese. Com o doutrinismo, usa o Livro Sagrado para ratificar suas doutrinas, em vez de confrontá-las com a Palavra de Deus. Ignora o caráter histórico e contextual da Bíblia e sobrepõe à ela a “revelação espiritual” das entrelinhas do texto. A interpretação histórica e contextual para esses não é suficiente, por isso, é necessária a espiritualização do texto.

2). Preconceito

Há muitos conceitos, costumes, interpretações e ensinamentos que procedem mais do preconceito, ignorância, e atitudes pré-concebidas do intérprete do que de uma exegese bíblica confiável.

3). Preferência ao Método Alegórico

O método alegórico de interpretação é um dos mais usados por esses intérpretes. Desprezam o significado comum e ordinário das palavras e especulam sobre o sentido místico ou simbólico de cada uma delas, além, é claro, de ignorar a intenção autoral, inserindo no texto todo tipo de extravagância ou fantasia.

O intérprete que usa métodos como o alegórico tende a rejeitar os demais métodos válidos de interpretação, e a única base interpretativa que concebe é aquela que procede de sua própria imaginação folclórica.

1 Tm 6.3,4^a

Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é _____ (arrogante e orgulhoso), nada _____,

Bloqueios para a interpretação das escrituras

Podemos dividi-los em bloqueios internos e externos. Os bloqueios internos são os que deduzem do próprio objeto em si; os externos deduzem dos agentes em resposta a esse objeto.

Bloqueios Internos

Bloqueios Histórico-Culturais

As Escrituras foram escritas não para a nossa realidade e cultura, mas para uma outra equidistante da nossa a mais de três milênios. Os conjuntos de fatos e mensagens expostos nas Sagradas Escrituras são produtos de uma evolução histórico-cultural vivenciados pelo escritor e seus contemporâneos. Nós não fomos os destinatários originais. A cosmovisão, compreensão dos fenômenos físicos e naturais, existência e filosofia de vida dos escritores e de seus contemporâneos eram distintas da atual.

Imagine se você voltasse alguns milênios de anos através de uma máquina do tempo e aparecesse na corte do rei Salomão, e no diálogo com ele, você falasse sobre internet, e-mail, luz elétrica, telefone, televisão, avião, viagens espaciais... Acredito que ele se surpreenderia com tanta cultura e conhecimento, ainda que não compreendesse totalmente aquilo que está sendo dito. A recíproca é verdadeira em relação à cultura dos povos bíblicos. Para compreendermos perfeitamente essa cultura, expressa principalmente através da linguagem, são necessárias introspecção e empatia com ela. Assim como Salomão teria que se esforçar para compreender a tecnologia moderna, nós temos que esforçar para entender a cultura semita.

Os povos próximos à época dos autógrafos assimilaram mais rapidamente o conteúdo das Escrituras por viverem na mesma cultura, ou próximos a ela, do que os intérpretes afastados por milênios de anos. Por vezes, os escritores da Antiga Aliança tiveram de explicar os costumes que por tempos imemoriais já haviam caído em desuso em Israel (Rt 4.7). Os exegetas atuais

precisam também transpor a barreira histórico-cultural (fazer a viagem entre mundos).

Bloqueios Linguísticos

Nossas Bíblias não foram originalmente escritas em nosso idioma. Isto é um fato. Tanto a grafia hebraica quanto a grega são distintas da nossa. A Bíblia foi escrita nos idiomas hebraico, aramaico e grego, além de possuir diversos vocábulos derivados de outros idiomas do ramo semita. Quando os autores se comunicaram, fizeram-no pela palavra falada e escrita. Para que suas mensagens fossem entendidas, eles precisaram, no mínimo, coordenar sua fala e escrita de acordo com a gramática vigente. Por sua vez, essa gramática e a língua pelas quais as Escrituras foram produzidas possuem sintaxe, morfologia, fonemas, enfim, estruturas diferentes da nossa. E quase impossível, àqueles que não possuem conhecimento das línguas originais, entenderem as Escrituras no seu idioma de origem.

Bloqueios Textuais

Na percepção a qualquer intérprete, as diferenças de cópias e versões tornaram necessária a árdua atividade dos críticos textuais.

Nenhum dos autógrafos dos escritores sagrados chegou até nós; o que possuímos são cópias manuscritas. Apesar da meticulosidade dos escribas, o texto sagrado sofreu algumas alterações ao ser repetidamente copiado, porém não invalidam o conjunto.

Crítica Textual

O propósito fundamental da Crítica Textual é reconstruir com toda perfeição possível o texto bíblico, expurgando-o de qualquer alteração introduzida por erro do escriba, seja um equívoco de ditografia³ ou fusão⁴, ou outro qualquer que costumam achar-se na transmissão de obras manuscritas plurisseculares. Tal texto, reconstruído à base dos critérios da crítica textual, chama-se texto crítico. A ARA é baseada em tais textos.

Entre os vários exemplos dessa ciência, podemos citar como exemplo o texto de Mateus 6.13 (ARA), onde aparece a expressão entre colchetes: “[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]”. Na ARC os colchetes são omitidos e na NVI aparecem no rodapé. Já em Marcos 16.9-20, tanto a ARA quanto a ARC, não trazem qualquer referência à omissão dos textos (vv.9-20), enquanto a NVI, no rodapé, afirma que “alguns manuscritos antigos omitem os versículos 9-20; outros manuscritos apresentam finais diferentes do evangelho de Marcos”. Estes e muitos outros postos em colchetes não se encontram nos melhores manuscritos segundo vários

³ Escrever duas vezes o que se deveria ser escrito apenas uma vez.

⁴ Combinação da última letra da palavra anterior com a primeira do termo seguinte.

críticos textuais, mas foram adotados por Almeida (1681). Na ARC encontramos diversas palavras em itálico que não se encontram no texto hebraico ou grego, mas que foram adotados pelos tradutores para que o texto tivesse sentido⁵.

Um outro exemplo pode ser encontrado em Mateus 12.40. Na ARC diz que “como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia...”, enquanto a ARA traduz por “no ventre do grande peixe”. As duas traduções comparadas parecem contradizer-se. Jonas esteve no ventre de um mamífero ou no ventre de um grande peixe? O texto original hebraico em Jonas 1.17, é “gâdhôl dâg”, literalmente “enorme peixe”. Quando Almeida traduziu o termo por “baleia”, fez provavelmente fundamentado no aspecto fenomenológico ou natural das coisas, mas do que na consistência científica ou linguística, visto que para o tradutor, um “peixe grande ou enorme”, enquadrava-se melhor na descrição de uma baleia do que em outro ser marinho qualquer. O próprio termo, no grego *kêtous*, significa “grande peixe” e não “baleia”. Pelo que a tradução da ARA é mais correta

O termo grego *agápe*, que é traduzido pela ARC como “*caridade*”, é um outro exemplo de como a crítica textual pode ajudar ao intérprete a transpor os abismos comuns à exegese. Em 1 Coríntios 13 o termo aparece nove vezes, sempre traduzido pela ARC como “*caridade*”, não representando o sentido do vocábulo original, enquanto a ARA, neste caso, concilia-se com o sentido comum ao termo, traduzindo-o por amor.

Estas apenas três breves e fáceis exemplos, à nível de ilustração de alguns aspectos do labor da crítica textual. Não desejamos, ser simplistas quanto as implicações conflituosas dos problemas apresentados, mas a complexidade do tema, não nos permite argui-los acuradamente nesse breve esboço.

Bloqueios Externos

A Atividade Maligna no Mundo

Segundo as Escrituras “o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos para que lhes não resplandeça a luz do evangelho” (2 Co 4.4). Percebe-se uma atividade maligna com intuito de que o Evangelho não floresça na mente e no coração dos incrédulos. Além de procurar obscurecer a mensagem do evangelho, envia seus ministros malévolos para perverter a sã doutrina (1 Tm 4.1), quando não, falsos ministros atestando infalibilidade procuram distorcer o evangelho de Cristo, “por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl 2.8,22; Ef 4.14).

⁵ Cf. o Prefácio da ARC [1995], p. 5.

A Depravação Mental a que os Homens Ficaram Sujeitos após a Queda

Em decorrência da queda, o homem não perdeu a faculdade intelectual; entretanto, o pecado a dilacerou terrivelmente, e através do pecado, os homens adquiriram uma mente depravada em relação a Deus, a moral e a si mesmo (Rm 1.28ss; Tt 1:15). Pela corrupção de suas mentes não têm capacidade, por mais eruditos que sejam, de divisar os assuntos espirituais, por parecerem irracionais e loucura (1 Co 2.14). Por outro lado, após a regeneração, o homem recebe profunda transformação em sua mente (1 Co 2.14-16), que é operado pelo Espírito Santo (Jo 16.8-10) através da Palavra pregada ou ensinada (Rm 10.13-21).

Atitudes e Qualidades do Intérprete

Maturidade Espiritual

Deve o hermenauta possuir qualidades espirituais, principalmente o *temor e a reverência ao Espírito Santo* (Pv 1.7). O “homem espiritual”, segundo Paulo, é o crente que tem capacidade de julgar, de discernir, de compreender todas as verdades espirituais. O escritor aos Hebreus assevera que o homem espiritual é “adulto, o qual tem, pela prática, a faculdade exercitada para discernir tanto o bem como o mal” (Hb 5.14; cf 1Co 3.1-3). Assim como o homem espiritual contrasta com o “homem natural”, o homem maduro é a antítese do cristão menino. Enquanto o cristão tem suas faculdades exercitadas pela prática e alimenta-se de alimentos sólidos, os “meninos” “ainda necessitam de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus”. Sua dieta é a base de leite e não de alimentos sólidos. O hermenauta possui suas faculdades “dilatadas” por Cristo (Lc 24.44), para compreender “as coisas do Espírito de Deus” (1 Co 2.14).

Comunhão com o Espírito Santo

O homem natural, por conhecimentos de filologia (estudo das línguas, idiomas), pode extrair significados com variedade de aplicações dos textos bíblicos, mas entender as realidades espirituais é facultado apenas àqueles que têm a mente de Cristo. Daí a necessidade do hermenauta cristão ser, acima de tudo, nascido de novo (Jo 3.5,6).

O intérprete deve estar cheio do Espírito Santo e guiado por Ele. Somente o crente pode sondar o verdadeiro significado das Escrituras, porque o mesmo Espírito que a inspirou realiza no intérprete uma obra de iluminação que lhe permite chegar, através do texto, ao pensamento de Deus (1 Co 2.10). A carência de sensibilidade com o Espírito Santo incapacita o exegeta para captar com profundidade o significado das passagens bíblicas. O crente precisa de uma congenialidade espiritual com o Espírito Santo.

A mente, os sentimentos e a vontade do hermeneuta devem estar abertos para a ação espiritual do Espírito Santo.

Oração

Todo trabalho exegético deve ser acompanhado com oração. O exegeta, mais que qualquer leitor da Bíblia, deveria fazer a mesma súplica do salmista: “Desvenda os meus olhos para que veja as maravilhas de tua lei” (Sl 119.18).

Um dos nossos irmãos em Cristo, quando ainda era um novo convertido, leu a epístola de Paulo a Timóteo (4.2) e não compreendeu o texto da ARC que diz: “tendo cauterizado a sua própria consciência”. Já passava das 24:00 horas, quando ele, cansado (pois às 4:00 horas da manhã levantaria para o trabalho diário), disse: “Espírito Santo eu não entendo o que é ‘consciência cauterizada’. Ensina-me”. Ao acordar ouviu o Espírito Santo falando mansamente ao seu ouvido: “Consciência cauterizada é o estado insensível da alma que não aceita mais o meu apelo em sua consciência”. Passados alguns anos, quando ele terminava o seminário, compreendeu que se tratava de uma figura de linguagem, e que o texto pode ser interpretado literalmente como “cuja consciência foi marcada com ferro em brasa”, isto é cicatrizada, o que equivale a dizer que está insensível. Tal qual a mensagem do Espírito Santo para ele.

Inimigo da Ociosidade Bíblica

Em Hebreus 5.11; 6.12 o escritor chama os cristãos hebreus de “tardios em ouvir” e “indolentes”. Essas duas expressões são a tradução de um termo grego (*notros*) usado somente nestas duas passagens no Novo Testamento. O vocábulo literalmente significa “preguiçosos”. Por serem indolentes, deixaram de receber profundas instruções espirituais (v.11). Pois devido ao tempo de fé que possuíam (cerca de trinta anos), nunca se preocuparam com o estudo sério da Palavra de Deus. A preguiça era tanta que até o que sabiam haviam esquecido. Em vez de haver progresso: “Quando devíeis ser mestres” (v. 12), houve regressão: “Tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, *de novo*, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus”; a estagnação seria mais aceitável. A inanição era tão crônica que o escritor desabafa: “Vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido” (5.12). Eles não tinham condições de seguir uma explanação profunda das Escrituras porque o raciocínio deles era semelhante ao de uma criança. O mais notável é que eles não eram preguiçosos, mas tornaram-se (*vos tornastes*).

Mente Sã e Equilibrada

O hermeneuta deve evitar o raciocínio defeituoso e a extravagância da imaginação, a perversão do raciocínio e as ideias vagas. O intérprete deve ser capaz de perceber rapidamente o que uma passagem ensina e não ensina, assim

como observar sua verdadeira tendência. O intérprete deve gozar do poder de observar o pensamento do autor e notar, de uma só vez, toda força e significado. Essa rapidez de percepção deve ser unida a um entendimento, não somente do sentido das palavras, como também do propósito do argumento.

Ao tratar de explicar a Epístola aos Gálatas, com uma percepção rápida, se observará o caráter apologético dos primeiros capítulos, e a veemente audácia de Paulo ao afirmar sua autoridade divina e seu apostolado e as consequências de sua pretensão na epístola. Notará, também, com quanta força os incidentes pessoais da vida e do ministério de Paulo entram em seu argumento.

Apreciador das Línguas Originais

O hermeneuta reconhece o valor das línguas sagradas. Sabe que uma consistente extração da verdade depende, a certo ponto, do conhecimento das línguas bíblicas, sua gramática e idiomatismos⁶. Não somente isto, mas sabe que uma intuição verdadeira com a cultura e o gênio característicos da linguagem do escritor propiciará riquezas que somente o conhecimento da língua original não favorece. Pio XII em *Divino afflante Spiritu*, deixou uma recomendação aos exegetas católicos que deveria ser observada pelos estudiosos das Sagradas Escrituras.

“Hoje são tantos os meios para aprender as línguas bíblicas que o intérprete das Escrituras não pode fechar-se ao acesso aos textos originais, não pode atualmente evitar a tacha de inconsideração e indolência. Por isso trabalhe por adquirir uma perícia cada vez maior das línguas bíblicas e também dos outros idiomas orientais, e apoie a sua interpretação em todos os recursos subministrados por toda espécie de filologia⁷.”

Possui Cultura Geral

Não somente o conhecimento da gramática e do vernáculo⁸ de sua língua pátria, mas também da história dos povos bíblicos, da geografia palestina, arqueologia do Oriente Médio, etc...

⁶ Traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas.

⁷ Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos

⁸ Diz-se de linguagem correta, sem estrangeirismos na pronúncia, vocabulário ou construções sintáticas

EXERCÍCIOS

1. Defina e conceitue hermenêutica.
2. Diferencie hermenêutica, exegese e eisegese.
3. Quais são os principais bloqueios à interpretação correta das Escrituras?
4. De que forma o intérprete pratica a eisegese?
5. Quais as principais qualidades do intérprete?

Materiais usados na Hermenêutica

A Hermenêutica como disciplina teológica é contínua, árdua e espinhosa. Todos os docentes e alunos que se prestam a essa íngreme e escarpa trilha precisam a todo tempo de auxílios exegéticos dos mais substanciais, e que perfilam sobre a moderna e clássica literatura auxiliar a interpretação bíblica.

Na falta de saber qual é o caminho, caminhar por trilhas seguras ainda continua sendo a melhor forma de se seguir à frente.

Chaves e Concordâncias Bíblicas

Concordância bíblica é uma compilação em ordem alfabética, de termos bíblicos ou de conceitos (matérias) bíblicos, que remete às passagens da Bíblia onde ocorre o respectivo termo ou conceito. Chama-se Concordância porque as passagens bíblicas que contém a mesma palavra ou a mesma ideia são “concordantes” entre si, e porque a concordância ajuda a encontra-las, e mesmo as aduz já reunidas. O primeiro a idealizar uma obra deste gênero foi o cardeal dominicano Hugo de S. Caro, que em 1230, compilou uma concordância verbal da Vulgata.

As concordâncias são muito úteis para a exegese, pois fornecem as passagens paralelas, cujo conhecimento ajuda a interpretar o sagrado texto; são úteis também para a pregação.

Objetivos das Concordâncias Bíblicas

Os principais objetivos das Concordâncias Bíblicas são:

a) Localizar passagens.

Suponhamos que alguém se recorde de que a Bíblia em certo lugar fala do “encontrar-se com Deus”. Mas onde? Basta procurar o verbete “encontrar” e, passando os olhos sobre a lista de passagens sob este verbete, logo notará Amós 4.12 e lerá “Israel, para te encontrares com”. Consultando o texto da Bíblia, terá a oração: “Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”. Esta passagem por exemplo, aparece quatro vezes na Concordância (CB- ARA-SB) caso o leitor prefira Israel, preparar e Deus. Se houver interesse em saber se em outros lugares a Bíblia menciona “encontro com Deus”, a Concordância imediatamente cita I Tessalonicenses 4.17.1

b) Auxiliar o leitor da Bíblia no estudo de assuntos ou tópicos bíblicos.

Tomemos como exemplo o verbo “salvar” tão frequente na Bíblia, e estudemos os seus usos e sua significação. O leitor terá, imediatamente, a surpresa de grande lista de passagens citadas; e, juntando a este verbete Salvação e Salvador, terá diante de si várias páginas, todas referentes a “salvar”. Logo em seguida notará o leitor que em toda Bíblia, quando se trata do sentido passivo do verbo “salvar”, foi usada, quase sem exceção, a forma “ser salvo” e não “salvar-se”, pois esta, ainda que expressão popular, é ambígua, tendo também o sentido reflexivo, salvar-se a si mesmo (cf. Ef 2.8).2

Tipos de Concordâncias Bíblicas

Há dois tipos de concordâncias:

a) As verbais:

Relacionam palavras (verbum), são chamadas também de Chaves Bíblicas; algumas são encontradas nas partes finais de algumas Bíblias. Podemos afirmar que as referências encontradas nos rodapés ou dispostas em colunas em algumas Bíblias são formas abreviadas de chaves bíblicas. A importância dessas chaves é que elas são correlativas à versão bíblica da qual compõem.

b) Concordâncias reais:

Estas, ao contrário de somente palavras arrolam também ideias, são em sentido estrito, listas de ideias ou assuntos que remetem aos textos bíblicos. Atualmente, existem quatro concordâncias bíblicas evangélicas no Brasil, representando as versões bíblicas mais divulgadas:

- 1) A Concordância Bíblica baseada na ARA da Sociedade Bíblica do Brasil, que compreende cerca de 7.000 verbetes, com mais de 45.000 referências a passagens bíblicas e 51 biografias de personagens bíblicos.
- 2) A Chave Bíblica baseada na ARC da Sociedade Bíblica do Brasil.
- 3) A Concordância Bíblica Abreviada da Imprensa Bíblica Brasileira.
- 4) A Concordância Bíblica Abreviada baseada na Edição Contemporânea da Editora Vida.

Deve-se dar devida consideração às Concordâncias Gregas, geralmente bilíngues entre elas:

Concordância Fiel do Novo Testamento (Editora Fiel).

A obra foi editada em dois volumes Grego-Português e Português-Grego, tendo como base para a tradução a Bíblia Revista e Atualizada (ARA) da Sociedade Bíblica do Brasil. Esta concordância investiga as palavras no grego e mostra, em português, como os tradutores interpretaram cada uma delas em todas as passagens em que aparecem.

Dicionários e Enciclopédias

Não devemos confundir dicionário com concordância, e estas com enciclopédias ou vice-versa. Os dicionários bíblicos não se propõem, como as concordâncias, a reproduzir os textos, e sim oferecer a cada assunto uma exposição mais ampla. Dicionário, tal como é seu étimo latino *ditionariu*, é um conjunto de vocábulos e termos de uma língua dispostos em ordem alfabética com seus respectivos significados. As enciclopédias bíblicas, entretanto, não se prestam a verificar o significado dos termos, ainda que muitos se achem nela, mas abranger todos os ramos do conhecimento bíblico e teológico.

Dicionários

O Novo Dicionário da Bíblia, editado por J. D. Douglas (Vida Nova).

“Os assuntos tratados incluem tanto pessoas, lugares, geografia, história, cultura e costumes das terras e tempos bíblicos como apresentações extensas e claras das grandes doutrinas da Fé cristã. E um tesouro de conhecimento

bíblico, reunindo os resultados especializados de uma equipe de 139 eruditos entre os maiores do atual mundo evangélico.”

O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, editado por Colin Brown (Vida Nova).

“Baseia-se no *Teologisches Begrifflexikon zum Neuen Testament*, que originalmente foi publicado em alemão em 1965. Os verbetes dispostos em ordem alfabética discorrem sobre o significado helenístico clássico, seu correlato veterotestamentário com base na Septuaginta (LXX) e seu uso no grego neotestamentário. O dicionário é expressamente teológico em sua intenção. Informações históricas, geográficas e arqueológicas, que são apropriadas num dicionário geral da Bíblia, nele se incluem à medida que são teologicamente relevantes. Faz parte essencial do propósito de O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, capacitar o leitor a explorar por si mesmo as novas avenidas de descoberta que têm sido abertas, e avaliar por si mesmo os pontos-de-vista dos estudiosos que têm contribuído ao moderno estudo da Bíblia.”

O Léxico do Novo Testamento Grego/ Português, de F. W. Gingrich e F. W. Danker (Vida Nova).

“O léxico é uma versão condensada da obra publicada para o inglês em 1957. O alvo da versão em português é fornecer os significados dos vocábulos gregos sem entrar em discussões de hermenêutica e teologia”.

Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, de R. L. Harris, G. L. Archer Jr e B. K. Waltke (Vida Nova).

“Quarenta e seis especialistas em hebraico bíblico contribuíram com artigos valiosos para essa obra. As principais palavras do texto hebraico são examinadas sob os seguintes aspectos: significado teológico, usos bíblicos, antecedentes etimológicos, comparação com línguas cognatas, traduções em versões antigas, sinônimos e antônimos. As palavras-chave em textos de difícil interpretação recebem atenção especial”.

Dicionário Teológico, de Claudionor Corrêa de Andrade (CPAD).

O Dicionário Teológico traz as definições dos principais termos usados no círculo teológico e nas obras de referência teológica. Possui definições etimológicas e a tradução das principais locuções latinas usada pelos pais latinos.

Pequena Enciclopédia Bíblica; de O. S. Boyer (CPAD).

Combina em uma só obra dicionário, chave bíblica, introdução aos 66 livros da Bíblia, um atlas bíblico, e uma mini- enciclopédia bíblica.

Manual Bíblico, por Henry H. Halley (Vida Nova)

“Começou em 1924, como um panfleto de 16 páginas... e, agora com 850. Seu desígnio não é servir de livro texto; destina-se a ser um breve manual para aqueles que dispõem de poucos comentários sobre a Bíblia. O conteúdo destina-se a fornecer uma vista geral da Bíblia, seus pensamentos centrais, descobertas arqueológicas, nota sobre cada livro da Bíblia, informações bíblicas diversas, notas sobre passagens obscuras, dados históricos relacionados, epitome da história da Igreja e sugestões sobre a leitura da Bíblia”.

Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja da Igreja Cristã, editado por Walter A. Elwell (Vida Nova).

“O professor Walter Elwell, deão do Wheaton College Graduate School of Theology, compilou os 1.200 tópicos da Enciclopédia. Escolheu cerca de duzentos eruditos entre os evangélicos mais reconhecidos no mundo, para que fossem escritos os artigos sobre pessoas, movimentos e doutrinas que mais influenciaram as correntes do Cristianismo em seus dois milênios de história.”

Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas, de Gleason Archer (Vida).

“O Dr. Archer escreveu esta enciclopédia para mostrar que nada existe na Bíblia de incoerente com a afirmação de ser ela a Palavra inerrante de Deus. Dr. Archer durante muitos anos foi responsável pela área de apologética da revista *Decision*, produzida pela Associação Evangelística Billy Graham.”

Versões bíblicas

São diversas as traduções da Bíblia existentes em circulação no Brasil — todas com base na tradução de João Ferreira de Almeida, trazida para o Brasil no século XVII pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Nesta ocasião a tradução de Almeida foi entregue a uma comissão de tradutores brasileiros a fim de tirar os lusitanismos do texto e dar uma característica linguística mais brasileira.

Essa revisão, publicada em 1898, recebeu o nome de "Revista e Corrigida"; a partir de então "Almeida" vem sendo constantemente revisada.

A tradução de J. Ferreira de Almeida em português (1681), a tradução do Novo Testamento em Alemão por Lutero (1522) e da Bíblia King James, em inglês (1611), tomou como base o *Textus Receptus* (Texto Recebido) em grego, publicado pelo holandês Erasmo de Roterdã, em 1516.

Um dos principais problemas do *Textus Receptus*, apesar de ser um dos melhores que existiam naqueles dias, é que ele continha palavras, frases e às vezes

versículos inteiros que tinham sido incluídos pelos copistas, mas que não faziam parte do texto original. Os manuscritos usados não eram os mais antigos e confiáveis. Após o lançamento do *Textus Receptus*, muitos outros manuscritos foram achados, até mesmo mais antigo que o usado por Erasmo. Esses novos manuscritos são conhecidos como *Textos Críticos*.

A versão de Almeida, Revista e Atualizada, João 7.53-8.12 e Atos 8.37 trazem versículos entre colchetes, enquanto o mesmo não ocorre na Revista e Corrigida. Isto porque na Revista e Atualizada, tomou-se como base à 1 edição do Novo Testamento de Nestle, baseado nos *Textos Críticos*. Os colchetes, no caso, destacam textos que não se encontram nos manuscritos usados na versão Revista e Atualizada, enquanto eles são omitidos na Revista e Corrigida pois esta segue o *Textus Receptus*.

Para auxiliar o estudante sugerimos familiarizar-se com a seguinte terminologia:

Tradução

Do latim *traductione*, é o ato de transpor uma composição literária de uma língua para outra. Através da tradução, as Escrituras foram vertidas dos originais gregos e hebraicos para as línguas afins. Sem a tradução, a Palavra de Deus seria como uma espada embainhada — não cortaria, pois não a entenderíamos.

A Tradução pode ser:

- a) **Tradução Literal Modificada:** É uma tradução que procura expressar com toda fidelidade e o máximo de exatidão o sentido das palavras originais do texto que está sendo traduzido. É uma transcrição textual palavra por palavra.
- b) **Tradução Idiomática:** É uma tradução “popular” que procura a forma mais natural de expressão do idioma na qual será traduzida. Procura expressar a mensagem em linguagem corrente, em vez da forma das línguas originais, como na Tradução Literal.
- c) **Tradução Dinâmica:** Dentro desse princípio todo esforço é feito para que, de um lado, a tradução seja completamente fiel ao sentido do texto original e, de outro, seja claramente compreendida pelo público atual. A Bíblia na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, se propõe ser um exemplo de tradução dinâmica, ainda que outros a considerem como paráfrase.

Transliteração

Do latim *trans* + *littera*, é o ato de transpor um sistema de escrita a outro, letra por letra. É a versão das letras de um texto em certa língua para as letras

correspondentes de outra língua. Palavras como “*batizar*” e “*anjo*” foram transliteradas do grego para o português.

Versão

Do latim *versione*, é uma tradução da língua original para outra língua. Geralmente o termo “*versão*” é usado, simultaneamente, com o vocábulo “*tradução*”.

Revisão ou Versão Revista

Do latim *revisione*, é o ato ou efeito de rever através de um novo exame do texto, com vistas a corrigir erros ou introduzir emendas ou substituições. E uma “*versão*” já aceita sendo “*revista*” e atualizada.

Recensões

Do latim *recensione*, é o ato de comparar o texto de edições anteriores com os manuscritos. Através das recensões são confrontados entre si os diversos manuscritos, códice, versões e citações, agrupando-os de acordo com suas coincidências e semelhanças em grupos ou famílias. Por meio desses agrupamentos os estudiosos chegam a descobrir as diversas recensões das quais os códices descendem. Assim reconstroem, ao menos nas linhas gerais, a história primitiva do texto e as revisões a que ele foi submetido, com o fim de purificá-lo das alterações devidas aos amanuenses (copistas).

Paráfrase

Do grego *paraphrases* é uma tradução “*livre e solta*” de um texto, procurando expressar a ideia ou mensagem do texto e não as palavras.

E mais uma interpretação do que uma tradução literal do texto. Um dos problemas da paráfrase é que, às vezes, o tradutor inclui explicações desnecessárias ou informações que não estão implícitas no texto original, o que pode levar a acréscimos, omissões ou até distorções no texto bíblico. Como por exemplo, Romanos 4.9, na Bíblia Viva. A passagem traz:

“Agora, então, a pergunta: Será que a bênção só é dada àqueles que têm fé em Cristo mas também guardam leis judaicas, ou a bênção é dada também àqueles que não guardam as leis judaicas, mas tão somente confiam em Cristo? Dizemos que ele recebeu essas bênçãos por meio da sua fé. Foi pela fé mesmo? Ou porque também guardou as leis judaicas?”

Há dois sérios deslizes nesse texto parafraseado.

1. Paulo não está falando das “leis judaicas” em geral, mas especificamente do costume da circuncisão, que já existia no tempo de Abraão.

2. E há, também, um erro de cronologia, ao falar-se de Abraão como guardando as leis judaicas — as quais só vieram uns 700 anos mais tarde.”
5 As Cartas para Hoje (Vida Nova) e a Bíblia Viva (MC) são alguns exemplos de paráfrases.

Edição

Do latim *editione*, é um empreendimento editorial com vista à publicação.

Uma edição pode ser:

- a) **Edição Atualizada** — quando o texto sofreu acréscimos ou modificações em relação a edição anterior;
 - b) **Edição Anotada** — quando o texto se faz acompanhar de notas destinadas a esclarecê-lo, completá-lo ou atualizá-lo;
 - c) **Edição Crítica** — (é uma edição exegética), quando se procura estabelecer o texto original de uma obra, mediante colação com o manuscrito, correção de erros tipográficos, modernização na maneira de compor e, tanto quanto possível, de particularidades ortográficas e gramaticais acrescentando variantes de passagens, notas e comentários que constituem o aparato crítico;
 - d) **Edição Abreviada** — quando o texto foi parcialmente suprimido, ou resumido em trechos ou passagens supostamente não essenciais à sua compreensão;
 - e) **Edição de Bibliófilo** — quando se destina a colecionadores, de tiragens reduzidas e exemplares numerados;
 - f) **Edição Fac-similar** — quando reproduz outra por processo fotomecânico;
 - g) **Edição Corrente** — é uma edição comum, de baixo custo, feita para o grande público, e que contém o texto puro e simples da obra;
 - h) **Edição de Luxo** — quando editada em papel de alto preço, em formato quase sempre grande e com margens amplas, às vezes composta com tipos especiais, ornadas de ilustrações e, não raro, suntuosamente encadernadas,
 - i) **Edição Comemorativa** — quando procura celebrar um acontecimento. ARA e ARC receberam edições comemorativas no jubileu da SBB.
 - j) **Edição de Afinidade** — quando procura personalizar certas edições para grupos especiais.
- 1) **Edição Revista e Atualizada no Brasil**, 2ª edição da Tradução de João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil.

Tradução de equivalência formal em linguagem erudita. Seu formato é prosa em parágrafos e poesia em versos. Os parágrafos são apresentados com a letra inicial em negrito. Foram atualizadas a linguagem, pesos e medidas. Acrescenta colchetes aos termos que não se encontram em diversos manuscritos, além de incluir no Novo Testamento as citações do AT de forma edentada. Inclui referências bíblicas, e o vocábulo Senhor quando se refere ao nome de Deus (*Iavé*) é grafado com letras maiúsculas. Possui ainda mapas, cronologia, plano anual de leituras bíblicas e palavras de orientação.

2) **Edição Revista e Corrigida edição de 1995** da Tradução de João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil.

Tradução de equivalência formal em linguagem erudita. Seu formato traz tanto o texto em prosa quanto a poesia em parágrafos. Os termos que não fazem parte do texto original, mas que foram incluídos a fim de que o texto fosse compreendido, aparece em itálico. A ARC conserva essa inserção desde a primeira edição do Novo Testamento em 1681. Possui referências, indicação de parágrafos de conteúdo em negrito, translitera o tetragrama (YHWH) pelo nome “Jeová”, e possui notas variantes de termos.

3) **Edição Revisada** da Tradução de João Ferreira de Almeida, também chamada de “Melhores Textos”, 3ª impressão 1991, RJ. Juerp & Imprensa Bíblica Brasileira. A primeira (1967) foi chamada de Versão da Imprensa Bíblica Brasileira.

Tradução de equivalência formal em linguagem erudita e arcaica. Seu formato é prosa em parágrafos e poesia em versos. Os textos referentes ao AT que aparecem no NT estão edentados. Possui notas de rodapé que fazem referências aos termos originais. Consta textos em colchetes, com notas de que não fazem parte dos manuscritos mais aceitos, possui mapas e referências.

4) **Edição Corrigida e Revisada Fiel** ao Texto Original, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

Tradução de equivalência formal em linguagem erudita e arcaica. Seu formato é prosa e poesia em parágrafo. Possui vocábulos e preposições em itálico que não constam nos originais, mas que foram acrescentados ao texto a fim de facilitar a leitura. As referências ao AT no NT aparecem edentados. Não possui referências textuais, notas ou qualquer outro tipo de comentário. Inclui um plano de leitura da Bíblia.

5) **Nova Versão Internacional** (NVI). Obra feita por um colegiado de especialistas patrocinados pela International Bible Society.

É uma tradução baseada nos melhores textos gregos e hebraicos disponíveis. Seu estilo é a equivalência formal com uso do português moderno em

linguagem corrente. A prosa está em parágrafos e a poesia em versos. Possui notas de rodapé, além de preservar os termos teológicos (pecado, graça, expiação).

6) *A Nova Versão Transformadora* (NVT)

É o resultado de um projeto iniciado em 2010 pela Mundo Cristão. O objetivo, desde o princípio, foi produzir uma versão fiel e acessível, que comunicasse sua mensagem aos leitores de hoje de modo tão claro e relevante quanto os textos originais comunicaram aos leitores e ouvintes do mundo antigo. Traduz o tetragrama (YHWH) como “o Senhor”. O nome “adonai”, é traduzido como “Senhor”. Quando ‘adonai e YHWH aparecem juntos, é traduzido como “Senhor Soberano”. Os indivíduos da Bíblia que são conhecidos por mais de um nome ela usa somente uma grafia do nome de cada indivíduo, com notas de rodapé que fornecem a grafia literal sempre que difere daquela usada no texto. A NVT fornece vários tipos de notas textuais de rodapé.

Esta lista de versões ou traduções não é exaustiva, foi feita a nível de exemplo. Estamos cômicos de que deixamos de mencionar outras traduções importantes.

Comentários Bíblicos

Os comentários bíblicos são classificados de acordo com o seu planejamento:

- a) Sermonário;
- b) Exegéticos;
- c) Devocionais.

Entre os comentários básicos de auxílio exegético podemos citar:

* ***A Série Cultura Bíblica***, da Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão.

Esses comentários são mais exegéticos do que devocionais. Todos os livros do AT e do NT são comentados com grande erudição, perfazendo um total de 33 volumes. Destaca-se nessa obra o uso do método histórico-gramatical.

* ***Comentário Bíblico Moody***, da Imprensa Batista Regular.

São cinco volumes comentando cada capítulo dos 66 livros da Bíblia.

* ***O Novo Comentário da Bíblia*** das Edições Vida Nova.

Anteriormente o comentário foi publicado em língua portuguesa em três volumes. Atualmente foi editado em apenas um. A atenção do comentário foi orientada principalmente para o entendimento do texto conforme existente em

versões comuns. Não se encontra nele qualquer extensão considerável de espaço à análise de fontes, ao criticismo arbitrário e às teorias especulativas e nem extensivas notas devocionais e homiléticas.

Devida atenção deve ser dada também aos comentários individuais.

* **O Comentário Bíblico de Broadman**, editado pela Juerp; e

* **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**, editado pela Candeia.

Esta obra possui seis volumes e demorou oito anos de trabalho árduo para ser produzida. O texto usado foi a terceira edição do Novo Testamento Grego, da United Bible Societies, bem como os comentários textuais dessa mesma obra. São discutidas cerca de duas mil variantes importantes do texto do NT. Cada versículo é discutido minuciosamente, além de conter esboços temáticos e filosóficos de diversos temas.

* **Comentário Bíblico de Matthew Henry** (CPAD).

Deste comentário Spurgeon afirmou: “Todo ministro de Deus deveria ler Matthew Henry com plena atenção pelo menos uma vez”.

Títulos Histórico-Culturais

São livros que auxiliam o estudante no conhecimento da cultura, história, antropologia e sociologia do mundo bíblico constituindo-se excelente pano de fundo para a interpretação histórico-cultural.

* *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*, Ralph Gower (CPAD)

* *O Mundo do Antigo Testamento*, J. I. Packer et alli, (Vida)

* *Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos*, J. I. Packer et alli, (Vida)

* *Vida e Religiões no Império Romano*, J. Comby e J. P. Lemonon (Paulinas).

* *Roma em Face a Jerusalém*, J. Comby e J. P. Lemonon (Paulinas).

* *Vida Cotidiana nos Tempos de Jesus* (Vida Nova);

* *Para Entender o Antigo Testamento*, Estêvan Bittencourt (Santuário).

Estes livros procuram combinar pesquisas seculares com a narrativa bíblica. Costumes, rituais e crenças que governaram a vida diária dos tempos bíblicos são examinados em pormenores nessas obras, bem como uma compreensão geral dos povos, reis, impérios e períodos do Antigo e do Novo Testamento.

EXERCÍCIOS

Exercício de Tradução, Revisão e Estilística

Confira cada um dos textos destacados nas diferentes versões bíblicas.

Isaías 27.8a

ARA : “Com xô! xô! e exílio o trataste”.

O que significa a expressão: “xô! xô! _____?”

Jeremias 48.1 Ia

ARA : “Moabe esteve descansado desde a sua mocidade, e as suas fezes repousaram”.

O que significa a expressão “suas fezes repousaram”?

Zacarias 9. 15

ARA : “...eles devorarão os fundibulários e os pisarão”.

O que significa a expressão “devorar os fundibulários”?

Jó 15.27

ARA : “ Porquanto cobriu o rosto com a sua gordura e criou enxúndia nas ilhargas”.

O que significa a expressão “enxúndia nas ilhargas”?

Êxodo 12.4

ARA : “ ...então tome um só com seu vizinho perto de sua casa, e... conforme o comer de cada um”.

O que significa as expressões “tome um só com seu vizinho” e “comer de cada um”? : _____

Jeremias 31.22

ARA : “ ... a mulher infiel virá a requestar um homem”.

O que significa a expressão “requestar um homem”; _____

Sofonias 1.12b

VR (Versão revisada) : “...e castigarei os homens que se embrutecem com as fezes do vinho”.

O que significa a expressão: “embrutecer com as fezes do vinho”?

Provérbios 28.25b

ARC : “...mas o que confia no Senhor engordará”.

O que significa a expressão: “engordará”?

Tendências de Interpretação

Todas as interpretações das Sagradas Escrituras devem estar firmadas em pilares críticos interpretativos confiáveis. Devem-se justificá-la através de métodos e técnicas hermenêuticas livres de quaisquer premissas *dogmáticas* ou *pressupostos individuais*. O texto pelo texto ainda continua sendo um dos melhores métodos para se interpretar as Escrituras.

Em todo trabalho de investigação bíblica, os resultados dependem em grande parte dos sistemas ou métodos de trabalhos que se empregam. A Hermenêutica Bíblica não é uma exceção, pois o modo de inquirir o significado dos textos determina consideravelmente as conclusões do trabalho exegético.

Isto explica a grande disparidade de interpretações dadas aos mesmos textos da Escritura. Isto significa que nem todas os métodos são confiáveis. Entre eles destacamos dois: alegorista e literalista.

Vejam os a posição interpretativa dessas duas tendências de interpretação bíblica e os principais métodos por elas empregados.

Alegoria.

O termo “*alegoria*” procede da combinação de dois termos gregos, *allos*, isto é, “outro”, e *agoreyo*, “falar” ou “proclamar” Literalmente significa “*dizer uma coisa que significa outra*”.

O vocábulo “*alegoria*” aparece em Gálatas 4.24, a fim de indicar a explicação ou expressão de alguma coisa por meio do nome ou imagem de outra.

Como figura literária, a alegoria é uma metáfora estendida e um recurso literário válido e útil, porém, como sistema de interpretação mutila o texto bíblico.

De acordo com o método alegórico, o sentido literal e histórico das Escrituras é completamente desprezado, e cada palavra e acontecimento são transformados em alegoria de algum tipo.

Perigos do método Alegórico

- ✓ O método alegórico despreza o significado comum e ordinário das palavras, especulando sobre o sentido místico de cada uma delas;
- ✓ O método alegórico ignora a intenção do autor, inserindo no texto todo tipo de extravagância ou fantasias que um intérprete possa desejar;
- ✓ O intérprete que usa o método alegórico rejeita os métodos válidos de interpretação.
- ✓ A autoridade básica da interpretação deixa de ser a Bíblia e passa a ser a mente engenhosa do intérprete.

O método alegórico foi usado pelas escolas filosóficas gregas no afã de interpretar os poemas de Homero e Hesíodo, e reduzir os problemas teóricos e religiosos entre a tradição religiosa e a herança filosófica.

Método Literalista

A princípio não devemos confundir o método *literalista*, *hiperliteralista* ou *letrista* com o método literal ou linguístico-gramatical.

O método literal reconhece princípios de tradução e interpretação não reconhecidos pelo seu oposto. O *literalismo* é o extremo da escola gramatical.

O método literal considera o valor das palavras no texto, mas não ignora os matizes da linguagem figurada, e o *sensus plenior* (Sentido pleno, usado para descrever o sentido mais profundo do texto) - próprio da linguagem escriturística. Ocupa-se tanto da lexicografia, isto é, do significado das palavras e de sua relação com a oração (sintaxe), quanto do valor retórico da linguagem conotativa, quando assim intencionada pelo autor. Na escola literalista ignoram-se esses valores e interpreta-se tudo “ao pé da letra”.

As fraquezas do literalismo

a) Alguns textos são observados, em detrimento a outros.

Textos como Deuteronômio 22.5, 1 Coríntios 11.13 ou 2 Coríntios 13.12 são interpretados literalmente, ignorando as finuras da cultura do mundo de então.

Porém, quando se trata de textos como os de Deuteronômio 21.18-21, 22.8; 5.12 e 1 Timóteo 2.11,12, dificilmente alguém os interpreta literalmente.

b) Ignora-se a situação histórica.

A situação histórica do texto também é ignorada no método literalista. As orientações bíblicas nem sempre são as mesmas em todas as circunstâncias; por exemplo, em Esdras 10.2,3, ele obriga os judeus a despedirem suas esposas. Porém, o apóstolo Paulo aconselha aos casados com cônjuges incrédulos a não se apartarem um do outro (1 Co 7.12,13).

c) Usa textos de prova isolados para provar certas doutrinas e tradição eclesiástica com sentidos diferentes do propósito do texto.

A maneira como o Diabo usou o texto bíblico comprova esta prática duvidosa do texto. Em Mateus 4.6, Satanás cita literalmente o Salmo 91.11,12, não para consolar, e sim para tentar. Usou literalmente, mas sangrou o propósito principal do texto.

Um outro exemplo disto é Isaías 55.2 para condenar qualquer uso do dinheiro que não seja para comprar pão. Comentando o primeiro verso do Salmo 130, tão carregado de dramatismo espiritual e rico ao ser examinado à luz da totalidade contextual do Salmo, o intérprete literalista judeu, sempre inclinado ao legalismo, só observava uma forma correta de orar “das profundezas”, significando, segundo eles, que a oração devia ser praticada na posição mais baixa possível.

d) Aceitam a inspiração mecanicista das Escrituras Sagradas. Neste caso os autores eram extremamente passivos no ato da inspiração, onde seu contexto sócio cultural foram ignorados.

EXERCÍCIOS

1. Qual a diferença entre alegoria e interpretação alegorista?
2. Quais são as fraquezas do método literalista.
3. Quais são as principais diferenças entre o método literalista e o método literal-gramatical.

Hermenêutica Contextual

A lei do contexto é uma das primeiras leis que regem a interpretação. Muitas interpretações errôneas têm sua origem na desconsideração desta norma tão óbvia.

CONTEXTO

O próprio conceito do termo nos mostra a conveniência de seu estudo. A origem do termo contexto significa “tecido com”. No latim, *cun* é preposição do ablativo que denota união, associação ou companhia, e *textum* significa “tecido”; por extensão, “contextura, trama”. Aplicados a documentos escritos, expressa a conexão de pensamento que existe entre diferentes partes do texto para fazer dela um todo coerente.

A Importância do Contexto

Um dos reconhecidos problemas de interpretação são os chamados textos de “prova”. São textos isolados do contexto usados por determinados intérpretes para sustentar certas asseverações teológicas, dogmáticas ou culturais. Textos de prova, segundo a hermenêutica contextual, são secundários para a validação de uma interpretação, simplesmente porque erram ao desconsiderar o contexto.

Importância de se Conhecer o Contexto

O exame do contexto é extremamente importante por três razões:

a) As palavras, as locuções e as frases podem assumir sentidos múltiplos.

O contexto neste caso vai determinar qual o sentido exato do termo usado. Não basta apenas decompor o termo considerado em seus aspectos etimológicos, é necessário compreendê-lo em relação ao conjunto geral da frase.

b) Os pensamentos normalmente são expressos por sequência de palavras ou de frases.

Os sentidos de uma palavra (unidade) podem ser captados de acordo com a frase (conjunto), pois o termo e a frase estão associados dando entendimento um ao outro, da palavra à frase (várias unidades formando um conjunto) e da frase à palavra (o conjunto limitando, aí o sentido da palavra). O vocábulo *manga* (fruta) e *manga* (camisa) são termos com o mesmo som e grafia, porém de significado distinto (homônimos homógrafos perfeitos). Somente o contexto pode determinar o sentido da palavra na frase.

c) Desconsiderar o contexto acarreta interpretações falsas, além de se constituir numa eisegese.

Certo pregador, ao explicar Efésios 6.12 sobre o significado da expressão “regiões celestiais”, deu uma pausa retórica, interrogou a congregação sobre o significado da expressão e sorriu, como se algo sobrenatural e enigmático fosse

revelado. Interrogou a plateia pela segunda vez dizendo: “O que você tem de mais celestial?” Ninguém ousou responder. Um silêncio sepulcral tomou conta da audiência. Ele mesmo respondeu: “O seu coração”. Difícil foi para ele explicar como as potestades do mal viviam no coração do crente regenerado!

TIPOS DE CONTEXTO

A interpretação da Bíblia deve levar em consideração os diversos tipos de contexto.

Contexto Inicial

E a própria frase ou versículo em que o termo foi usado. Antes mesmo de recorrer ao contexto imediato e remoto, é extremamente necessário entender o texto (frase) onde o termo aparece em seu conjunto.

O significado comum e usual da palavra, é encontrado nos dicionários. Sobre essa designação denotativa da palavra, deve-se prestar atenção nos termos:

Sinônimos:

Palavras com escrita diferentes conceitos semelhantes. Ex: luminária — candeeiro/ candeia/ lâmpada (Hb 9.2; Mc 4.21; Sl 119.105; Pv 20.20).

Homônimos:

Palavras de escrita igual e significados diferentes: canto, (do verbo cantar), e canto como ângulo (Sl 100.2; 98.5; Pv 21.9; Atos 26.26);

Homônimos Homófonos:

Mesmo som, mas grafias (letras) diferentes: cega — tornar cego; sega — colheita, ceifa (Ex 23.8,16; Dt 16.19; Jr 5.17:51.33)

Homônimos Perfeitos:

Os que são homógrafos e homófonos ao mesmo tempo (tem escrita e pronúncia idênticos mas significados distintos), como: pêlo — do corpo de um animal; pelo — preposição (Mt 3.4; 21.8).

O intérprete deve determinar se as palavras são usadas em sentido geral ou particular; se empregadas em sentido literal ou figurado. Deve levar em conta também o aspecto dinâmico de muitos textos.

CONTEXTO IMEDIATO

Em linguística chama-se *microcontexto*, o contexto imediato da palavra considerada, isto é, a palavra que precede e a palavra que segue, em oposição ao *macrocontexto*, que designa um contexto maior.

O contexto imediato de um versículo ou texto é formado pelos textos que vêm antes e depois do versículo considerado e deve-se:

- 1) verificar a situação histórica do texto;
- 2) saber quem foi o autor;
- 3) a quem o autor destinou o escrito;
- 4) e qual foi o propósito do autor.

Assim sendo:

- o contexto imediato de um versículo é o parágrafo pelo qual é formado;
- o contexto de um parágrafo é o capítulo que o forma;
- o contexto do capítulo é todo o livro.

CONTEXTO REMOTO

O *macrocontexto*, também chamado amplo ou remoto de uma palavra ou de um versículo, é um contexto maior que a palavra ou o versículo que precede ou segue o versículo considerado.

Exemplo:

E interessante verificar que o livro de Isaías possui duas principais divisões:

- A primeira, formada pelos 39 capítulos iniciais, cuja temática é a “Denúncia dos pecados de Judá”;
- A segunda, formada pelos capítulos 40-60, cujo tema é a “Consolação de Judá”.

Ao lermos o texto de Mateus 12.18-21. Quanto mais estudamos sobre o contexto, mas impressionado ficamos pelo respeito dos escritores sacros a esta norma. Mateus, ao citar Isaías, fê-lo dentro do contexto primitivo. A referência é ao capítulo 42 de Isaías, precisamente na segunda seção do livro que trata da “restauração ou consolação de Judá”.

CONTEXTO GRAMATICAL E LÓGICO

O contexto *gramatical* estuda as regras para a construção e coordenação das frases, a disposição das palavras na oração e das orações no período.

Entende-se por *lógica* a ciência do raciocínio correto. O contexto lógico ocupa-se do estudo da coerência interna do pensamento e o modo como são aplicados.

Conectivos Lógicos:

São conjunções subordinativas que ligam uma oração principal a uma subordinada na relação de:

QUADRO DE ALGUNS CONECTIVOS LÓGICOS

Razão:	porque por causa porquanto
Conclusão:	portanto assim por isso pois
Adversidade:	mas contudo porém entretanto ainda senão aliás
Comparação:	assim, assim como, assim também como, qual, tal qual tanto quanto, tanto
Condição:	exceto excetua contanto que desde que

Aquilo que se separa do que atrás foi dito, é unido naturalmente no contexto gramatical e lógico no contexto literário, cada um emprestando ao outro suas normas.

CONTEXTO HISTÓRICO

Os contextos subsequentes e remotos são muito úteis para a interpretação de qualquer texto bíblico. Não podemos ignorar, entretanto, os matizes histórico-

culturais e literários que enriquecem e adornam a mensagem de determinados versículos. Esta realidade parte da premissa de que o autor não é uma tabula rasa, isto é, um indivíduo alheio à cultura de seu tempo e desprovido de qualquer saber que o habilite a ter um pré-conhecimento da realidade.

A inspiração divina sobre os sacros escritores não eliminou suas raízes sócio cultural e, portanto, valeu-se do registro operado pelos órgãos dos sentidos e da cultura do tempo de cada um. Às vezes, nos escritos sacros, vazam essa cultura dando beleza e fortalecendo a mensagem.

Muitos leitores se surpreendem com a ironia, explosão de ira, eufemismo e desabrido usado por Paulo em Gálatas 5.12: “Tomara até se mutilassem os que vos incitam à rebeldia”.

O ponto da discórdia nesse texto é a circuncisão. Esse texto é polimorfo em seu contexto. Se valermos-nos do contexto histórico, pode ser que seja uma referência aos ritos de castração dos sacerdotes, próprios do culto à deusa Cibele, na Galácia.

Estes sacerdotes, chamados também de Gálos, se castravam ou emasculavam-se, retirando os testículos com um pedaço de cerâmica. Neste caso seria como se o apóstolo afirmasse: “Se para ser salvo e consagrar-se à Divindade é necessário circuncidar-se, porque não fazem eles como os sacerdotes de Cibele?”.

CONTEXTO LITERÁRIO

Os escritores estavam familiarizados não somente com a cultura contemporânea à sua época, mas também com a literatura poética e filosófica.

O apóstolo Paulo foi o escritor sacro que mais se utilizou do contexto literário e cultural de sua época, provavelmente devido sua cidadania também romana e a sua vasta intelectualidade, usando aqui e acolá vários recursos oratórios, tais como o “*traductio*” e a “*diatribe*”.

Em 2 Coríntios 3.5-6, por exemplo, Paulo repete o termo (capazes, suficiência e habilitou são as mesmas palavras) por três vezes. O Novo Testamento mostra que este era um recurso usado por outros escritores.

O principal propósito da *diatribe* grega é fazer com que o escritor entre logo em contato com os seus leitores, como um orador com seus ouvintes, daí, o termo significar colóquio, sendo definido como uma forma literária com elementos de conversa.

Paulo usando o recurso da *diatribe* aos seus leitores:

- apostrofa-os, faz perguntas (Rm 3.13; Gl 3.19),
- introduz um adversário fictício (Rm 9.19; 11. 19)
- faz objeções (Rm 2.1,3; 9.20; 14.4,20,22)
- e gosta de contrastes (Deus/mundo; justiça/pecado; espírito/carne;/ espírito/letra; fé/lei; velho homem/novo homem; longe/perto).

Nos escritos paulinos ocorrem certas alusões aos poetas e escritores gregos e latinos como Píndaro, Aristófanes, Epimênedes, Sêneca e muitos outros.

Em Atos dos Apóstolos (17.28), Paulo faz citação de um texto poético familiar aos atenienses: “... como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois dele também somos geração”.

EXERCÍCIOS

1. Quais são os tipos comuns de contexto?
2. O que é contexto imediato?
3. Qual a importância do contexto para a interpretação bíblica?

Alguns aspectos do Hebraísmo

Os autores deixaram registrados nas Escrituras os matizes culturais e formas próprias de expressão semita que nos causam estranheza à primeira vista. Se na cultura ocidental nos dias de hoje, chamar a outros de jumento ou de gazela ofende ao gosto estético, e por vezes moral, não era o mesmo na cultura hebraica daqueles dias. Issacar foi chamado de jumento de fortes ossos; Naftali, de uma gazela solta; Benjamim, lobo que despedaça; Dã, serpente junto ao caminho, sem que eles se sentissem ofendidos pela metáfora (Gn 49).

Hebraísmos são determinadas expressões idiomáticas encontradas nas Escrituras, que registram a forma de comunicação específica dos judeus. São idiotismos⁹ familiares à cultura hebraica de então, desconhecida do exegeta e que não podem ser determinadas a priori, mas somente através de um estudo consciencioso.

1) Hebraísmo de Posse e Poder:

“Sobre Edom lançarei a minha sandália, sobre a terra dos filisteus cantarei o meu triunfo” (Sl 108.9; 60.8, cf. Gn 14.23).

Nesse texto, “lançar a sandália” refere-se ao ato de tomar posse de alguma coisa ou dominar sobre algo.

⁹ Traço ou construção peculiar de uma determinada língua que não se encontra na maioria dos outros idiomas.

2) Hebraísmo de Felicidade e Suficiência:

“A minha alma se farta, como de tutano e de gordura; e a minha boca te louva com alegres lábios” (Sl 63.5).

A escolha desse texto, justifica-se porque ele descreve dois aspectos do mesmo hebraísmo: suficiência e sentimento. Já em Gênesis 41 aprendemos que as vacas gordas representam prosperidade, suficiência, abundância e, conseqüentemente, a felicidade (vv.26,29), enquanto as magras, necessidade, escassez, fome e tristeza (vv.27,30).

3) Hebraísmo de Contraste ou Antítese:

“O filho sábio alegrará a seu pai, mas o homem insensato despreza a sua mãe” (Pv 15.20).

“Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30.5).

Em cada um desses dísticos (estrofes com dois versos) verifica-se o uso proposital da antítese: pai/mãe; filho sábio/ homem insensato; alegre/despreza; anoitecer/manhã; choro/ alegria.

Os judeus usaram constantemente a antítese para designar a virtude em contraste com a fraqueza, a sabedoria em oposição à loucura, a prudência contrapondo-se à ingenuidade, o amor ao ódio, e assim respectivamente.

4) Hebraísmo de Poder e Força:

“O SENHOR é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; meu escudo, a força (*literalmente chifre*) da minha salvação e o meu alto refúgio” (Sl 18.2).

“E quebrantarei todas as forças (lit. “*todos os chifres*”) dos ímpios, mas as forças dos justos serão exaltadas”. Sl 75:10

Os israelitas usavam frequentes comparações e imagens, visando impressionar mais profundamente os ouvintes, já que os hebreus tendiam a considerar o aspecto dinâmico e vital de cada ser. Sabiam aproveitar-se largamente dos objetos materiais que os cercavam para ilustrar verdades abstratas ou sobrenaturais.

Símbolos e Tipos

Símbolos e tipos fazem parte do mesmo contexto dos hebraísmos. O *símbolo* é uma figura, objeto, número ou emblema, cuja imagem representa, de modo sensível, uma verdade moral, ou religiosa.

Relação entre Símbolos e Tipos

Dentro deste conceito é que devemos entender também os tipos. Enquanto o símbolo e os recursos poéticos são práticas universais a todas as religiões e livros,

quer sagrados ou não, o tipo é um recurso puramente bíblico, pois é propositalmente intencionado por Deus nas Escrituras.

Os símbolos e os tipos respiram no mesmo campo de atuação, de forma que podemos afirmar que todo **tipo** é um **símbolo**, mas nem todo *símbolo* é um *tipo*.

Para determinar o que é um tipo é necessário que a própria escritura valide o tipo.

Com o símbolo não pede este tipo de validação, seja ela profética o neotestamentária. Acrescente-se a esta proposição o fato de que o tipo não é variável em sua forma ou estrutura posterior, enquanto os símbolos podem receber diversos significados.

Interpretação dos Símbolos

Não demasiado necessário frisar que tanto os símbolos quanto os tipos devem ser interpretados dentro de seu contexto de origem, respeitando o sentido intencionado pelo autor, além de respeitar as diversas significações que um mesmo símbolo pode possuir em diferentes épocas, e inseridos no escrito de um mesmo autor sacro.

Deve-se portanto:

1) Considerar os diversos contextos em que o símbolo é usado, antes de afirmar que este ou aquele sentido é o pretendido pelo autor.

- O fogo pode representar:
- A presença do Senhor (Êx 3.2; 19.18; Dt 5.24);
- O juízo de Deus (Sl 50.3; Hb 12.29);
- A ira de Deus (Sl 79.5; 83.14,15);
- A purificação (Is 6.6,7);

2) Considerar o símbolo focalizado as utilidades representadas pela própria coisa ou objeto e limitá-lo ao sentido pretendido pelo autor.

O símbolo do fogo está relacionado às principais atividades do fogo — iluminar, aquecer, purificar e destruir. Portanto, a analogia entre o símbolo e o simbolizado deve ser simples; não se deve buscar múltiplos pontos de semelhança ou correspondência entre ambos.

3) Será esclarecedor, ao mesmo tempo interessante, fazer uma varredura no significado do símbolo em contextos diferentes do cenário judaico.

Como o ambiente sócio-cultural bíblico não estava imune às crenças das civilizações e povos aos arredores de Israel, deve-se entender o caráter pagão de alguns símbolos.

Por exemplo,

Na mesopotâmia, Gibil, o deus sumério do fogo, era considerado o portador da luz e, em virtude da força purificadora da chama, os sumérios acreditavam que ele podia livrar a alma da impureza.

Na antiga Pérsia, parte importante do culto consistia na adoração ao fogo. O fogo era designado como o filho de Aura Mazda, tido como sinal visível da presença de Deus.

Na antiga Roma, a chama que movimenta na direção do céu, é símbolo da vida e da energia do sol.

QUADRO BÁSICO DOS SÍMBOLOS BÍBLICOS

ELEMENTOS

Água	Regeneração, Palavra de Deus (Jo 3.5; 4.10,11; Ef 5.26).
Luz	Verdade, sabedoria, gozo, glória e pureza de Deus, felicidade (Sl 104.2; Jo 12.35; 1Tm 6.16; 2 Co 4.6; 2 Pe 1.19)
Trevas	Mentira, ignorância, cegueira espiritual (Mt 6.23; 1Jo 1.6).
Montanha	Grandeza e estabilidade (Is 2.2; Dn 2.35)
Pó	Fragilidade, fraqueza e finitude dos homens (Gn 2.7; Jó 30.19; Ec 3.20).
Rocha	Fortaleza, abrigo, refúgio, Deus, Cristo (Dt 32.31; 1 Sm 2.2; Sl 2.3; 61.2; Mt 7.24; Rm 9.33; 1 Pe 2.8).

BOTÂNICA

Árvores	Altas {governantes} Baixas {povo} (Ez 31.5-9; Ap 7.1).
Espinhos e Abrolhos	Más influências (Mt 13.22; Hb 6.7,8)
Frutos	Manifestações das atividades do homem (Mt 7.16).
Frutos maduros	De Verão: Aproximação do fim. Frutos Bons: Atos piedosos, justos. Frutos Maus: Conduta iníqua (Sl 72.1; Pv 11.30; 12.14; 18.20; Is 3.10; Mt 3.8; 7.17,18).

Vinha	Grande fecundidade. Vindimar: Destruição (Jr 22-1 ;Os 14.7; Ap 14.18,19) Segar, Messe.
Ceifa	Tempo de destruição; Mundo como campo de trabalho para a Igreja (Is 17.5; Mt 9.37; Ap 14.18).
Videira	Cristo, Israel. Sentar-se sobre a própria Videira: paz e prosperidade (Jo 15.1,2; Sl 80.8; Is 5.2-7; 1 Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 3.10) Ramos.
Rebentos	Filhos, Descendentes. Ramo Frutífero: os santos. Ramo Infrutífero: os maus educadores, maus discípulos (Is II.I; Jo 15.2,5) Palmeiras.
Palmas	Realeza, vitória, prosperidade (Sl 92.12; Ap 7.9).
Figos	Obras, atividades. Figos bons e maduros: as obras dos santos. Figos maus e fora do tempo: ímpios maduros para o julgamento de Deus :Jr 24.2-5,8; Is 34.3).

METAIS E PEDRAS

Ferro	Severidade, força, resistência (Dt 4.20; Jó 40.18; Sl 107.10; Ap 9.9).
Bronze	Força e firmeza (Is 48.4; Jr 6.28; Sl 107.16).
Prata	Resgate, redenção (Ex 26.21).
Ouro	Glória de Deus, realeza e poder (Gn 41.42; Êx 28.36; 25.17, 18; Ap 3.18)
Pedras Preciosas	Magnificência e formosura (Êx 28.17-21; Ap 4.3; 21.11).

ANIMAIS

Boi	Submissão, força, serviço. O ato de trilhar grão sem ter atada a boca: o direito que tem o obreiro do seu sustento (Is 30.24; 1 Co 9.9,10).
-----	---

Bode	Reis macedônios, especialmente Alexandre; ímpios e falsos pastores (Dn 8.5, 7, 21; Zc 10.3; Mt 25.32, 33).
Cabras	Os maus (Mt 25.32,33).
Cão	Impureza, apostasia, falsos mestres e ministros infiéis (Pv 26.11; Fp 3.2; Ap 22.15).
Raposa	Engano, astúcia, falsos profetas (Ez 13.4; Lc 13.32).
Lobo	Satanás, egoísmo, avidez, ímpios e governantes ímpios, falsos mestres (Ez 22.27; Mt 7.15; Mt 10.16; Lc 10.3; Jo 10.12).
Urso	Inimigo feroz e temerário; governantes ímpios; juízo de Deus contra os ímpios (Pv 17.12; 28.15; Lm 3.10; Os 13.8; Ap 13.2).
Dragão	Reis cruéis; perseguidores; inimigos da Igreja; os ímpios; o Diabo (Ez 29.3; Sl 44.19; Ap 13.2; 20.2).
Leão	Majestade, força, ferocidade, poder enérgico e dominador; realza soberana do Messias (Dn 7.4; Am 3.8; Ap 5.5).
Touro	Inimigo forte e furioso (Sl 22.12).
Cavalo	Equipamento de Guerra e de conquista; rapidez; domínio (Jl 2.4; Dt 32.13; Is 58.14).
Cordeiro	Simplicidade e mansidão; pureza de Cristo; Cristo como sacrifício; o povo do Senhor; crentes fracos (Is 53.7; 5.17; 40.11; Jo 1.19; 21.15; Ap 5.6).
Besta	Poder tirano e usurpador; poder temporal qualquer (Dn 7.3-17; Ez 34.28).
Jumento	Selvagem, os ismaelitas, a instabilidade do homem natural, os ímpios em busca do pecado; Israel e seu amor pelos ídolos; Jumentinho simboliza paz: Cristo entrando em Jerusalém como Rei da Paz (Zc 9.9; Mt 21.5, 7; Gn 16.12; Jó 11.12).
Leopardo - Tigre	Inimigo cruel e enganoso (Jr 5.6; Dn 7.6; Hb 1.8; Ap 13.2).
Crocodilo-Dragão	Egito e, em geral, o poder anticristão (Sl 44.19; Is 27.1; 51.9; Ez 29.3; Ap 12.13)

Carne, Poeira e Fraqueza humana, moral e física (Gn 18.27; Is 31.3).
Cinza

Ouro, Mármore, A beleza, o encanto (Ct 5.11, 14, 15).
Marfim e Cedros
do Líbano

TIPOS

A ideia comum em todos os casos é a de alguma coisa que se *assemelha* ou corresponde a outra.

O termo por si não indica que haja uma relação formal entre os tipos, mas ocorre sem qualquer matiz teológico.

Por exemplo

- Romanos 5.14 - Adão foi um tipo de Cristo.
- Hebreus 8.5 - O Tabernáculo era um tipo do santuário celestial.
- 1 Coríntios 10.11 – A História de Israel é tipo (exemplo) pra nós.

A Legitimidade dos Tipos

A semelhança básica entre os dois Testamentos e o uso que o segundo faz do primeiro explicam a validade da tipologia.

O sentido típico pode ser:

- a) Real: porque é expresso fatos entre os objetos tipificados.
- b) Profético: porque pronuncia realidades futuras.
- c) Espiritual: porque ajuda a entender o sentido que a palavra pode expressar.
- d) Enigmático: porque a realidade profética ou espiritual está escondida sob realidade indicada pela palavra, ou ainda porque sem a revelação do Novo Testamento, o homem não pode identificá-lo.

O Antítipo

Outro termo característico no estudo do sentido típico é o *antitypo*, que representa ou corresponde a um modelo.

1 Pedro 3.21 O dilúvio foi um (*antitypo*) do batismo. Pelo dilúvio os perversos morreram. Pelo batismo do Espírito Santo os crentes são salvos.

Hebreus 9.24 Neste caso o *antitypo* é uma cópia ou representação do verdadeiro.

Vejamos as bases do sentido típico ou tipologia:

a) Tanto o tipo como o antítipo são realidades históricas que se correspondem.

As personagens, os fatos ou elementos do Antigo Testamento que são tipos de coisas nas páginas do Novo Testamento possuem correspondência histórica.

Não se trata de uma mera alegorização ou ilustração de uma passagem do Antigo Testamento.

A vitória de Davi sobre Goliás, correspondendo a vitória do cristianismo contra Satanás. Mas a “serpente levantada” no deserto, podemos considerar um tipo de Cristo (Nm 21.9; Jo 3.14). Porque está validada pelas escritura.

b) Entre o tipo e o antítipo deve haver algum ponto importante de analogia.

A principal característica de um tipo é sua semelhança, similaridade ou correspondência com o antítipo.

Jonas é tipo de Cristo mais pela semelhança dos três dias no ventre do peixe e sua liberação deste, do que pelo seu ministério (Mt 12.40). A relação tipológica clara entre um e outro se estabelece unicamente pela permanência do profeta “três dias e três noites”, seguida de sua liberação. O tipo é perfeitamente válido, apesar de que em tantos outros aspectos o rebelde, racista e detestava aqueles que evangelizou, Jonas nada teve em comum com aquele que foi “manso e humilde de coração” e “amigo de pecadores”.

c) O tipo sempre apresenta um caráter preditivo e descritivo.

O tipo é uma sombra que indica outra realidade (Cl 2.17). A tipologia é a predição feita pela correspondência entre duas realidades — o tipo e o antítipo.

d) O tipo é determinado pelo próprio Deus.

Adão é tipo de Jesus Cristo (Rm 5.12). Este sentido é exclusivamente próprio das Escrituras sendo Deus o autor das Escrituras, só ela pode ter um sentido intencionado pelo próprio Deus.

e) Um verdadeiro tipo apresenta bases no Novo Testamento.

O Novo Testamento deve ser o parâmetro para filtrar qualquer tipo.

Antropomorfismo

A palavra antropomorfismo é derivada de dois vocábulos gregos: *anthropos*, que significa homem, e *morphé*, que significa “forma”. Literalmente é a forma de homem ou forma humana. É usar formar humanas para falar de coisas espirituais.

E certo que essa forma, algumas vezes rústica, não agrada a consciência estética do homem moderno, pois, descrever a Deus com o nariz fumegando e com a boca rubra pelas brasas ardentes que dela saem (Sl 18.8).

Os antropomorfismos são recursos simbólicos, figurados e poéticos, presentes em todas as religiões, pois são inevitáveis à natureza humana, onde o conhecimento preliminar das coisas processa-se através dos sentidos.

Os israelitas, como já observamos, não gostavam da abstração, preferiam descrever as coisas sensíveis e abstratas através de atos ou gestos concretos.

E assim que no Salmo 18.8, o salmista poderia ter usado o conceito abstrato de ira, indignação, mas preferiu exprimir esse sentido através da expressão facial de quem se mostra irritado ou irado — exalação nasal ofegante, além é claro de palavras mais agressivas, firmes e intimidadoras. Tudo isto para descrever a indignação de Deus quando o justo é perseguido (v. 17).

Uso do antropomorfismo nas escrituras

Os escritores sagrados não se intimidavam no momento de conceber as realidades abstratas e sensíveis do Criador e da criação natural em termos puramente humanos. Para tanto, aplicavam desmesuradamente os antropomorfismos a fim de realçar certas características tanto afetuosas quanto metafísicas que não poderiam ser facilmente perceptíveis. Assim, aplicaram os antropomorfismos à:

- Face (Êx 33.14)
- Mãos (Sl 10.12; Êx 33.23)
- Ouvidos (1 Sm 8.21; Sl 17.6)
- Lábios (Jó 11.5; Is 30.27)
- Língua (Is 30.27)
- Pálpebras (Sl 11.4)
- Olhos (Sl 11.4; Dt 11. 12; 1 Sm 15.19)
- Dedos (Êx 31.18)
- Pés (Sl 18.9; Na 1.3)
- Costas (Êx 33.23)
- Voz (Gn 3.8; 1 Sm 15.19)
- Narinas (Êx 15.8; Sl 18.8-16)
- Asas e penas sob as quais protege os justos (Sl 91.4);
- Um belo manto, cujas orlas enchem o templo (Is 6.1). Além dessas características antropomórficas, o Senhor:
- Ruge (Am 1.2);
- Assovia (Is 7.18);
- Dorme (Sl 44.23);

- Desperta-se como dum sono (Sl 78.65);
- Cavalga sobre um querubim (Sl 18.10).

O Significado de Alguns Antropomorfismos

Vejam a definição deste mestre:

O Senhor Tem Nariz e Narinas

O termo hebraico 'af, que significa nariz, pode também significar ira, cólera. Com objetivo fundamental: o furor costuma-se exprimir por respiração mais veemente, exalação nasal mais intensa. Facilmente, pois, se entende a menção do nariz fumegante do Senhor nas Escrituras veterotestamentárias, devendo ser interpretado como a expressão da justiça de Deus que pune os homens maus (cf. Ex 15.8; Sl 18.9-6).

O Senhor Tem Braços e Mãos

Com a ideia de braço se associa naturalmente a de força, poder. E o que claramente dá a entender o texto de Jeremias 17.5: “Maldito o varão que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!” (Sinônimo de força).

A luz deste texto, torna-se claro o antropomorfismo correspondente, usado por exemplo em Lucas 1.49-52: “O Poderoso... com o seu braço agiu valorosamente; dissipou os soberbos... depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes” (cf. Ex 15.6).

O Senhor Tem Face ou Rosto

Sendo a face ou o rosto a sede dos órgãos que exprimem o íntimo do indivíduo, significa frequentemente na Bíblia, a personalidade. Verifica-se a tendência espontânea de um indivíduo de ocultar ou recobrir o rosto, a fim de ocultar a consciência ou o seu íntimo... a sua personalidade.

Por conseguinte, nas páginas sagradas: ...ver a face, é não raro, sinônimo de comparecer perante; ...fugir da face de, é fugir de tal pessoa ou ainda esquivar-se à influência de. Assim, por exemplo, fala Jacó:

“Aplacá-lo-ei com o presente que vai adiante de mim, e depois verei a sua face; porventura aceitará a minha face” (Gn 32.20)

Outros recursos da linguagem hebraica.

Antropopatismo

Na mentalidade primitiva dos hagiógrafos, os *antropopatismos* registravam os afetos humanos que marcam a figura do Senhor.

Etimologia

O termo “*antropopatismo*” é de origem grega, provem- ente de dois verbetes *antbropos*, “homem” e *pathos*, que significa “afeto” ou “paixão”. Literalmente é paixão ou afeto humano.

Principais Sentimentos Atribuídos a Deus:

- O desgosto (Lv 20.23);
- Aversão (SL 106.39-40);
- Zelo (Ex 20.5; 34.14);
- Vingança (Ex 32.34; Dt 32.35; Is 1.24);
- Cólera (Ex 15.7; Is 9.19);
- Complacência (Jr 9.23);
- Alegria (Dt 28.63; Sl 104.31; Sf 3.17);
- Arrependimento (Gn 6.6; 1 Sm 15.35; Jr 26.13).

Nome

Não se tratava apenas de algo que distinguia uma coisa ou pessoa da outra, mas uma parte essencial da natureza e personalidade da pessoa. A leitura em profundidade pressupõe que o nome corresponde, ou pelo menos, deveria corresponder, a uma qualidade da pessoa.

E isso que se subentende nas palavras da sábia Abigail: “Não se importe o meu senhor com este homem de Belial, a saber, com Nabal; porque o que significa o seu nome ele é. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele; eu, porém, tua serva, não vi os moços de meu senhor, que enviaste” (1 Sm 25.25 ARA).

Mudar o Nome

Mudar o nome de alguém significa dar-lhe uma nova função, um novo destino de vida. O caráter meritório do nome, então, fica exposto pela mentalidade do autor. Assim sendo, o Senhor muda o nome de alguém quando a este dirige novo futuro ou destino:

- Abrão “Pai elevado”, torna-se Abraão “Pai de multidão” (Gn 17.5);
- Jacó, “suplantador”, torna-se Israel, “aquele que luta com Deus” (Gn 32.28; 35.10);
- Benôni, “Filho da minha tristeza”, torna-se Benjamim, “Filho da minha destra, ou direita” (Gn 35.18);
- José torna-se “Tsaphnath- Paneach” que significa “provedor da vida” (Gn 41.45).

Números

Os números, tal como as características semíticas anteriores, estão arrolados no processo de desenvolvimento e transmissão do texto sagrado, constituindo-se uma forma típica, idiomática e simbólica de transmitir a verdade por meio escrito.

Os Usos dos Números Quantidade

No Antigo e Novo Testamento os números são usados para expressar diversos conceitos relacionados com quantidade, de maneira bem semelhante ao uso em outros livros.

O uso dos números na Bíblia

1. Unidade e caráter ímpar

- a) O Senhor Deus é o único Senhor (Dt 6.4);
- b) A raça humana provém de um único progenitor, donde se deriva a unidade da raça (Atos 17.25);
- c) O pecado entrou no mundo por um homem, como também a justiça (Rm 5.12,15);
- d) O sacrifício único de Cristo é suficiente para todos e para todas as épocas (Hb 7.27);
- e) O Pai e o Filho são um (Jo 10.30);
- f) O homem e a mulher dentro do casamento, tornam-se uma só carne (Mt 19.6).

2. Unidade e Divisão

- a) Dois é a expressão mínima da pluralidade, e naturalmente indica alternativas e contraste (Mt 6.24; 21.28).
- b) Dois também pode indicar alguma força separadora (Jr 18.21), como duas opiniões que apresentam um dilema, ou como duas maneiras diferentes de apresentar algo (Mt 7.13,14).
- c) Homem e mulher são um só (Gn 1.27; Mt 19.6);
- d) Duas pessoas trabalham juntas em cooperação (Js 2.1);
- e) Os apóstolos foram enviados de dois em dois (Mc 6.7);
- f) No Sinai, foram dadas as duas tábuas da lei.

3. Unidade na Multiplicidade

Três é um número retórico muito comum e natural, e ocorre frequentemente a repetição ou agrupamento tríplice onde não se menciona número propriamente dito. Muitos conceitos básicos se formalizam através de um padrão tríplice:

começo, meio e fim; passado, presente e futuro; espírito, alma e corpo. São numerosos os exemplos diferentes: há três dons duradouros em I Coríntios 13.13; três testemunhas em I João 5.8; títulos tríplice de Cristo e Deus em Apocalipse 1.4 e 4.8.

- a) Esse é o número da Trindade: três pessoas, mas uma só substância (Mt 28.19; Jo 14.26);
- b) Três dias marcaram um ponto terminal;
- c) Três discípulos especiais eram íntimos do Senhor Jesus (Mc 9.2);
- d) A doxologia tríplice de Isaías 6.3 indica a perfeita santidade de Deus;
- e) Em Números 6.23-26, a bênção tríplice.

4. A Totalidade da Terra e do Universo

E indicativo de amplitude ilimitada no sentido de espaço e tempo aplicado ao Universo visível.

- a) O tetragrama divino YaHWeH (YHWH);
- b) Quatro rios fluíam do Edem (Gn 2.10);
- c) Os quatros cantos da terra (Ap 7.1);
- d) Os quatros ventos (Jr 49.36; Ez 37).

5. Exprime Algo Incompleto

O número do homem, que fica aquém do número sete, o número divino.

- a) Deus criou o homem no sexto dia da criação (Gn 1.27);
- b) O homem deve trabalhar por seis dias (Ex 20.9);
- c) O Anticristo, o homem terrível, é representado por um tríplice seis “666” (Ap 13.18).

6. Número da Perfeição e da Divindade, Integridade, Intensidade

- a) Sete maldições contra quem matar Caim (Gn 4.15);
- b) A palavra do Senhor é depurada sete vezes (Sl 12.6);
- c) Sete vezes ao dia, o salmista louvava ao Senhor (Sl 119.164);
- d) Sete estrelas, sete igrejas, sete anjos (Ap 1.10,12,20; 2.1);
- e) A proeminência desse número se observa:
 - **Em ordenanças rituais** (santificação do sétimo dia, as festas dos pães sem fermento, a festa dos tabernáculos, o ano sabático, as sete aspersões com sangue no dia da expiação; Êx 34.18; Lv 23.24; Êx 21.2; Lv 16.14,19);

- **Em atos históricos** (sete anos de servidão de Jacó, sete mergulhos de Naamã, sete subidas do servo de Elias ao Carmelo; Gn 29.20,27; 2 Rs 5.10; 1 Rs 18.43,44);
- **Em passagens didáticas** (sete abominações que há no coração de quem odeia, ou em o Novo Testamento concernentes às ofensas e ao perdão; Pv 26.25; Lc 17.4; Mt 18.21);
- **Em textos apocalípticos** (a visão de João sobre as sete igrejas, as sete lâmpadas, os sete selos, os sete chifres, os sete olhos do cordeiro, as sete pragas finais (Ap 1.4, 16; 4.5; 5.1,6; 15.1).

Sobre os seus múltiplos:

14 - Catorze (Ex 12.6; Nm 29.13,15) Chama a atenção especialmente para a divisão das gerações de Abraão até Cristo em três grupos de catorze cada um (Mt 1.17);

49 - Quarenta e nove — 7x7. Aparece em uma das principais prescrições rituais: regulamento da festa das primícias (Lv 23.15), os quarenta e nove anos de intervalo que deveria haver entre um ano de jubileu e outro (Lv 25.8);

70 - Setenta. Os mais importantes são: descendentes de Jacó (Êx 1.5; Dt 10.22), os anciãos de Israel (Êx 24.1,9; Nm 11.16,24), os filhos de Acabe (2 Rs 10.1), os anciãos idólatras vistos por Ezequiel (Ez 8.1), as setenta semanas de Daniel (Dn 9.24), os anos da vida humana (Sl 90.10), os setenta discípulos (Lc 10.1,17).

7. Todo Completo, Fechado em si

O número dez tornou-se importante entre os semíticos pelo fato de que o homem primitivo, ao contar, recorria aos dedos de suas mãos; desta praxe se originou o sistema decimal. Em tais circunstâncias, foi tido como símbolo de um “todo completo, fechado em si”. E certamente esse o significado que lhe compete nas genealogias dos setitas (Gn 5.1- 32), e dos semitas (Gn 11. 10-32).

- a) Os dez servos (um grupo completo), as dez dracmas (número redondo), as dez virgens (todos os cristãos) (Lc 19.13; 15.8; Mt 25.1);
- b) O catálogo taxativo de dez adversários que não conseguem arrebatado ao cristão o amor de Cristo (Rm 8.38s);
- c) Dez vícios taxativos, que excluem do reino de Deus (1 Co 6.9s);
- d) Dez milagres narrados sucessivamente para comprovar a autoridade de Jesus após o importantíssimo sermão sobre a montanha (Mt 8s);

8. O Número Doze — 12

É um número básico para a história do povo de Deus em sua totalidade, unidade, grandeza e glória a que está destinado. Era número predileto dos judeus. Estes constavam de doze tribos, portadoras da fé e da esperança messiânicas; em consequência o reino messiânico é frequentemente assinalado pelo número doze.

- a) Os doze filhos de Jacó — as doze tribos de Israel;
- b) Os doze apóstolos (Mt 10.12; I Co 15.5);
- c) Os doze mil selados de cada tribo de Israel (Ap 7.4-8);
- d) As doze estrelas sobre a cabeça da mulher vestida de sol (Ap 12.1);
- e) A Nova Jerusalém tem doze portas, guardadas por doze anjos (Ap 21.12), ornada cada qual com uma pérola e o nome de uma das tribos de Israel; sobre cada qual das pedras da base acha-se o nome de um dos apóstolos (Ap 21.14); suas dimensões são múltiplos de doze (Ap 21.19,20), e os doze frutos da árvore da vida (Ap 22.2).

Tais indicações significam o caráter de plenitude e consumação, que toca à Nova Jerusalém. Esta constitui o reino teocrático por excelência, em que os bens outrora outorgados às tribos de Israel se acham multiplicados e oferecidos a todos os homens.

9. O Número Quarenta — 40

- a) Quarenta anos os judeus comeram o maná no deserto (Ex 16.35);
- b) Quarenta dias Moisés esteve orando, jejuando e falando com Deus (Ex 24.18);
- c) Quarenta dias Elias viajou alimentado pela comida que o anjo trouxe (1 Rs 19.8);
- d) Quarenta dias Jesus ficou no deserto jejuando e orando (Mt 4.2).

EXERCÍCIOS

1. o que é símbolo.
2. O que é antropomorfismo?
3. Como devem ser interpretados os números bíblicos?
4. O que representava o nome para os hebreus?

Figuras de linguagem

Figuras de linguagem ou de retórica são recursos linguísticos empregados pelo literato para expressar de modo concreto suas ideias, evocando algum tipo de imagem real, comparação, ou de correspondência entre as palavras e o pensamento.

FIGURAS DE LINGUAGEM OU RETÓRICA

As figuras de linguagem podem ser assim classificadas:

De Comparação	1) - Símile 2)- Metáfora
De Dicção	1)- Pleonasma 2)- Hipérbole
De Relação	1)- Sinédoque 2)- Metonímia
De Contraste	1)- Ironia 2)- Parábola 3)- Litote 4)- Eufemismo
De Índole Pessoal	1)- Prosopopéia 2)- Apóstrofe

FIGURAS COMPOSTAS

- 1)- Alegoria
- 2)- Fábula
- 3)- Enigma

Torna-se necessário ressaltar que as figuras de linguagem não se limitam apenas a estas lista.

Figuras de Comparação

Símile

O símile consiste em uma comparação formal entre dois objetos ou ações, que não estão materialmente relacionados entre si, normalmente precedido por uma conjunção de comparação, com vista a impressionar a mente com algo concreto, parecido ou semelhante.

Os símiles apontam para um só objeto, que se compara com outro (também único), o qual serve para clarear a ilustração, e não para buscar significados ocultos em todos os detalhes da figura.

Os símiles ocorrem com frequência nas Escrituras, tendo por objetivo ilustrar a ideia do autor. Deve-se evitar dois erros na interpretação dos símiles:

- 1) Abandonar o conteúdo do texto, a causa da clareza e riqueza da figura.
- 2) Fazer o símile dizer mais do que realmente quer expressar o autor ao usá-lo.

“Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus” (Sl 42.1).

“Porque assim como em um só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Rm 12.4; I Co 12.12).

Metáfora

Metáfora é uma mudança, transferência, transposição; mudança de sentido próprio para o figurado. É uma figura de linguagem mediante a qual o sentido de uma palavra se transfere à outra. É uma comparação implícita, onde o sujeito e a coisa com a qual ele é comparado estão entrelaçados, ainda que o autor não tencione que suas palavras sejam tomadas em sentido literal (Jo 6.35; 8.12).

(Jo 6:35)

Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.

(Jo 8:12)

De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

Deve-se evitar dois erros na interpretação das metáforas:

- 1º - Abandonar o conteúdo do texto, a causa da clareza e riqueza da figura.

2º - Fazer a metáfora dizer mais do que realmente quer expressar o autor ao usá-la.

Quando a metáfora apresentar dificuldade, deve-se recorrer ao exame do contexto, passagens paralelas, hebraísmos, análise gramatical, cultural, etc., pois, geralmente, as fontes procedentes da ilustração são o cenário natural das terras bíblicas, os costumes, as antiguidades do Oriente e o culto ritualista dos judeus.

Metáforas Extraídas dos Hábitos dos Animais

“Issacar é jumento de fortes ossos, de repouso entre os rebanhos de ovelhas” (Gn 49.14 ARA).

“Naftali é uma gazela solta; ele profere palavras formosas” (Gn 49.21).

Metáfora Extraída do Cenário Palestino

“O meu povo fez duas maldades: A mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas” (Jr 2.13).

Metáforas Reais-significativas

(1Co 6:9)

Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem *efeminados*, nem *sodomitas*,

Efeminados - tecidos macios, indicando que são finos, moles e suaves (Mt 11.8; Lc 7.25). “As pessoas que são macias, suaves ou efeminadas”.

Sodomitas – literalmente “*varão coito*” significa “*homem que deita com homem*”.

Metáfora Extraída das Práticas Cúlticas

“Purifica-me com hissopo, e ficarei puro” (Sl 51.7; Lv 14.6-7,51; Nm 19.18-19),

“Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Co 5.7,8).

Aqui as metáforas são contínuas até formarem uma alegoria.

Metáfora Extraída das Práticas Comuns à Vida

“Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo...” (Mt 6.13,14).

“Eu sou o pão da vida” (Jo 6.35).

“Eu sou o bom pastor” (Jo 10.11; ver 2 Pe 2.3,17; Jd 12,13).

Metáfora Tipo Antropomórfica

“Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido agravado, para que não possa ouvir” (Is 59.1; Sl 34.15).

“... E contra os ribeiros a tua ira ou contra o mar o teu furor, já que andas montado nos teus cavalos, nos teus carros de vitória?” (Hc 3.8)

Figuras de Dicção

Pleonasmo

O pleonasmo (gr. *pleonasmós*, superabundância) é uma figura de dicção em que se emprega a redundância, vocábulos desnecessários, à repetição elegante de certas frases ou de ideias, a fim de dar maior vivacidade a linguagem.

“O copeiro-mor, porém, não se lembrou de José; antes, se esqueceu dele” (Gn 40.23).

“Mulher virtuosa quem a achará” (Pv 31.10).

Hipérbole

A hipérbole consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos, a fim de apresentá-la viva à imaginação.

“Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e, se cada uma das quais fosse escrita, cuido que *nem ainda o mundo* todo poderia conter os livros que se escrevessem” (Jo 21.25).

“Também vimos ali gigantes, filhos de Anaque, descendentes dos gigantes; e éramos aos nossos olhos como *gafanhotos*, e assim também éramos aos seus olhos” (Nm 13.33).

“...as cidades são grandes e fortificadas *até aos céus*” (Dt 1.28).

“... toda noite *faço nadar* a minha cama, molho o meu leito com as minhas lágrimas” (SI 6.6).

Figuras de Relação

Sinédoque

Sinédoque (gr. *synedochê*, compreensão) é uma espécie de metonímia mediante a qual se outorga uma significação particular a uma palavra que, em sentido próprio, tem uma significação mais geral; ou, ao contrário, se dá uma significação geral a uma palavra que em sentido próprio, só tem uma significação particular. Pode ser:

Particularizante

- Destaca o significado de uma parte em relação ao todo;
“Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas aos todo” (Atos 27.37).
- Destaca uma espécie em relação ao gênero.
“O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura de seu dono; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende” (Is 1.3; Jr 8.7; Sl 46.9).

Generalizante

- Destaca o todo em relação às partes (o todo pela parte);
“... também a minha carne repousará segura” (Sl 16.9).
- Destaca o gênero em relação às espécies (raro).
“Por isso, quem... beber do cálice do Senhor...” (I Co 11.27).
“... converterão suas espadas em enxadas...” (Mq 4.3; Is 2.4).

Metonímia

Chama-se Metonímia (gr. met + onymia, ampliação do nome) à ampliação de sentido que consiste em nomear um objeto por meio de um termo que designa o outro objeto unido ao primeiro, por uma relação constante de causa e efeito. Na metonímia o termo próprio de uma palavra é substituído por uma palavra diferente, sem que por isso a interpretação do texto resulte em interpretação distinta. Um exemplo expressivo de metonímia encontramos nas palavras de Abraão em Lucas 16.29:

“Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos”. Obviamente faz referência aos seus escritos.

“Deus é um só, que justifica, pela fé, a circuncisão e, por meio fé, a incircuncisão” (Rm 3.30). O que equivale a declarar que Deus, pela fé, justificará tanto a judeus quanto os gentios.

Figuras de Contraste

Ironia

Ironia é a figura de linguagem por meio da qual o que se escreve (construção gramatical), ou fala (construção verbal), expressa o contrário do que se deseja dizer, porém, sempre de tal modo que se faz ressaltar o sentido verdadeiro. Na ironia uma declaração afirmativa deve ser entendida negativamente, e uma declaração negativa deve ser entendida positivamente.

“Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal...” (Gn 3.22).

“Na verdade, que só vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria” (Jó 12.2).

“Arroja isso ao oleiro, esse belo preço em que fui avaliado por eles” (Zc 11.13).

Torna-se difícil por vezes reconhecer a expressão irônica, por ser ela uma figura muito mais sonora do que escrita, que se presta mais ao discurso indireto do que direto.

“Já estais fartos, já estais ricos: chegastes a reinar sem nós...” (1 Co 4.8). No discurso direto equivale a: “Vocês pensam que estão fartos, mas não estão; pensam que são ricos, mas não são. Vocês não reinaram verdadeiramente como reis sem nós”.

Facilmente se percebe que a ironia é uma declaração afirmativo-negativo ou vice-versa, que as vezes chega ao sarcasmo (1Sm 26.15; 1Rs 18.27; 1Co 4.8).

Parábola

Parábola, do grego *parabolé*, significa “colocar ao lado de”, e leva a ideia de colocar uma coisa ao lado de outra com o objetivo de *comparar*. A parábola envolve uma contradição aparente apresentada em forma de narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes.

Três passos para determinar o sentido de uma parábola.

1º - Deve-se determinar a ocasião histórica e o propósito da parábola.

2º - Deve-se fazer uma análise muito cuidadosa do assunto de que se trata e observar a natureza e propriedade das coisas empregadas como imagens na similaridade.

3º - Devemos interpretar as várias partes com estrita referência ao objeto e desígnio geral do conjunto, de uma maneira que se conserve uma harmonia de proporções, se mantenha a unidade de todas as partes e se faça proeminente na verdade central.

Litote

Litote, ou atenuação, consiste em não expressar diretamente o que se pensa, ou então negar o contrário daquilo que se quer afirmar.

Em forma de litote expressa Jesus a promessa do Espírito Santo:

“...vós sereis batizados com o Espírito Santo, *não muito depois* destes dias” (Atos !.S'). Isto equivale a dizer: “dentro de poucos dias”. Paulo para referir-se aos judeus afirma que:

“... e não agradam a Deus...” (I Ts 2.15). No sentido de afirmar que “desagradam ou ofendem gravemente a Deus” como se depreende do contexto.

Outra forma de expressar a litote é diminuindo uma pessoa ou coisa a fim de exaltar outra:

“... me atrevi a falar ao Senhor, ainda que sou pó e cinza” (Gn 18.27).

Eufemismo

Eufemismo é a figura de linguagem que sugere com dissimulo e decoro ideias cuja expressão franca e literal soa demasiadamente dura. Nas Escrituras, os eufemismos são geralmente empregados para designar:

Morte

“Abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que *dormiam* foram ressuscitados” (Mt 27.52; At 7.60).

“Eis aqui vos digo um mistério... nem todos *dormiremos*, mas todos seremos transformados” (I Co 15.51; ITs 4.13,14).

Nesses textos, “dormir” sugere a esperança cristã de uma vida eterna pós-túmulo, visto que o que dorme haverá de despertar. Dormir sugere apenas breve intervalo das atividades físicas (1 Rs 2.10), bem como (dormir-morte) refere-se ao estado consciente e passageiro até a vinda de Cristo. Em Salmos 13.3a, a “morte” é comparada a um sono Jó 3.13 . Outros eufemismos para morte são:

a) “*caminho de toda a terra*” (Js 23.14 cf I Rs 2.2: ou ainda “*indo para o seu próprio lugar*” (Atos 1.25 ver ainda Mt 26.24 ,

b) “*deitarei no pó*” (Jó 7.21 cf. Dn 12.2);

Nestes textos as origens dos homens são contrastadas com seu final (Gn 2.7), e a morte é imposta como castigo.

c) “*profundo abismo*” — que se refere ao reino dos mortos (Sl 88.6);

d) “*desce ao sepulcro*” (Jó 5.26) — onde um símile é usado para comparar a morte do indivíduo que não é repreendido em vão por Deus;

e) “*estar com Cristo*” (Fp 1.23);

f) “*Tira tal homem da terra*”. Atos 22.22 usa a expressão para referir-se a um tipo de morte violenta.

Moralidade Sexual

Na Bíblia, o sexo é mencionado através de eufemismo como em muitas outras línguas. O eufemismo hebraico para as relações sexuais é geralmente “conhecer”; mas também, encontram-se outros termos: “deitar, chegar-se, tocar, possuir, conhecer; juntardes”. Nas prescrições sobre a moralidade sexual em Levítico 18 encontramos várias expressões eufemísticas.

“... Eu já ontem à noite *me deitei* com meu pai...” (Gn 19.34). “Mas Abimeleque ainda não se *tinha chegado* a ela...” (Gn 20.4,6 cfMt 1.25; I Co 17.1,5).

Deus

Os eufemismos aplicados a Deus justificam-se pelo fato de que os judeus evitavam usar o nome de Deus.

“Nenhuma autoridade terias contra mim, se de cima não fosse dado” (Jo 19. II).

Gentios

Ou os que “estão longe, Oriente e do Ocidente”. Geralmente estes eufemismos eram usados para não provocar os judeus à ira (At 22.21-22). Os gentios são diversas vezes referidos pela expressão eufemística “todos os que ainda estão longe”. A relação associativa neste texto é espacial — o lugar de moradia indica o próprio povo.

“... a vossos filhos e a todos os que estão longe... (Atos 2.39; Ef 2.13,17; cf. Lc 13.29).

Figuras de índole Pessoal

Prosopopéia

A *prosopopéia* ou personificação consiste em atribuir características ou ações próprias de pessoas a seres inanimados. Nos Salmos e em Isaías observamos vários exemplos de personificação. Vejamos alguns casos em Isaías:

“Cantai alegres, vós, ó céus... exultai vós, as partes mais baixas da terra; vós montes retumbai com júbilo; também vós, bosques e todas as árvores em vós...” (Is 44.23).

“... os montes e os outeiros exclamarão de prazer perante a vossa face, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Is 55.12 cf.Hc 3.10).

Apóstrofe

Procede do termo grego *apostrophé* e denota especialmente a interrupção de um discurso, dirigindo-se a uma pessoa, ou coisa real ou fictícia. No Salmo 114, além de personificação, nos versos 5 e 6 temos também uma apóstrofe. Outras apóstrofes podem ser observadas em outros textos (Is 14.8-20; Jz 5.3-4, 31; 2Sm 18.33; Mt 11.21).

Figuras Compostas

A linguagem figurada não se limita a palavras ou frases simples como nos *tropos* que acabamos de mencionar. Podem ser mais extensas, relativamente claras em alguns casos e obscuras em outra. Possuir uma ideia correta de suas características é essencial para sua interpretação.

Alegoria

A alegoria é uma sucessão de metáforas ou uma metáfora estendida, geralmente combinada em forma de narração. Sua característica singular é a pluralidade de pontos de aplicação. A alegoria contém dentro de si mesma a sua interpretação e a coisa significada está identificada com a imagem apresentada:

“Vós sois o sal da terra” (Mt 5.13).

“Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o lavrador” (Jo 15.1; Ec 12.3-7).

Não existem regras separadas para a interpretação das alegorias, os métodos estudados nas figuras anteriores também se aplicam aos textos alegóricos.

Fábula

A fábula faz parte do gênero didático e pode ser definida como uma narração imaginária, fictícia ou alegórica que se propõe a encerrar uma lição moral. Costuma-se chamar de apólogo quando se põe a falar a animais, e fábula quando se refere a seres inanimados.

A diferença entre fábula e lenda é uma fábula apresentada como uma narrativa verídica, falsifica a história, por tanto engana; parábola, alegoria e a fábula não mentem, e sim instruem e educam.

Enigma

O enigma, serve para ocultar alguma verdade dos que não possuem penetração espiritual para perceber sua forma figurada. Em certo sentido, difere da fábula pois se objetiva a confundir e deixar perplexo aquele que ouve. Faz-se obscuro, a fim de colocar a prova o gênio e a inquirição daquele que se propõe resolvê-lo.

“Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola; declararei o meu enigma na harpa” (Sl 49.4; 78.2; Jz 14.14; Ap 13.18; Gn 4.23-24; Jo 3.1-13; Lc 22.36).

EXERCÍCIOS

1. Como estão classificadas as figuras de linguagem?
2. Quais são as figuras de contraste?
3. Quais são as figuras compostas?

4. Diferencie o símile da metáfora.

5. Como devemos interpretar as parábolas?

As ferramentas hermenêutica apresentadas neste curso não são completas e exaustivas. Tem como objetivo que o aluno entenda o processo da tradução da Bíblia e introduzi-lo a algumas ferramentas hermenêuticas.

Bibliografia

Bentho, Esdras Costa. *Hermenêutica fácil e descomplicada*; Casa Publicadora das Assembleias de Deus, CPAD, 1ª Edição, 2003.

Osborne, Grant R. *A Espiral Hermenêutica*. Editora Vida Nova. 1ª Edição 2009